

A geografia das regiões tropicais na produção científica da revista *Finisterra*, 1966-2021: uma análise bibliométrica

La geografía de las regiones tropicales en la producción científica de la revista Finisterra, 1966-2021: un análisis bibliométrico

The geography of tropical regions in the scientific production of the journal Finisterra, 1966-2021: a bibliometric analysis

La géographie des régions tropicales dans la production scientifique de la revue Finisterra, 1966-2021: une analyse bibliométrique

Diogo Gaspar Silva



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terra-brasilis/10673>

DOI: 10.4000/terra-brasilis.10673

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrónica

Diogo Gaspar Silva, «A geografia das regiões tropicais na produção científica da revista *Finisterra*, 1966-2021: uma análise bibliométrica», *Terra Brasilis* [Online], 17 | 2022, posto online no dia 30 junho 2022, consultado o 05 janeiro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/terra-brasilis/10673> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terra-brasilis.10673>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 janeiro 2023.

All rights reserved

A geografia das regiões tropicais na produção científica da revista *Finisterra*, 1966-2021: uma análise bibliométrica

*La geografía de las regiones tropicales en la producción científica de la revista
Finisterra, 1966-2021: un análisis bibliométrico*

*The geography of tropical regions in the scientific production of the journal
Finisterra, 1966-2021: a bibliometric analysis*

*La géographie des régions tropicales dans la production scientifique de la revue
Finisterra, 1966-2021: une analyse bibliométrique*

Diogo Gaspar Silva

NOTA DO EDITOR

Submetido 8 Ago. 2022; aceito 15 Out. 2022

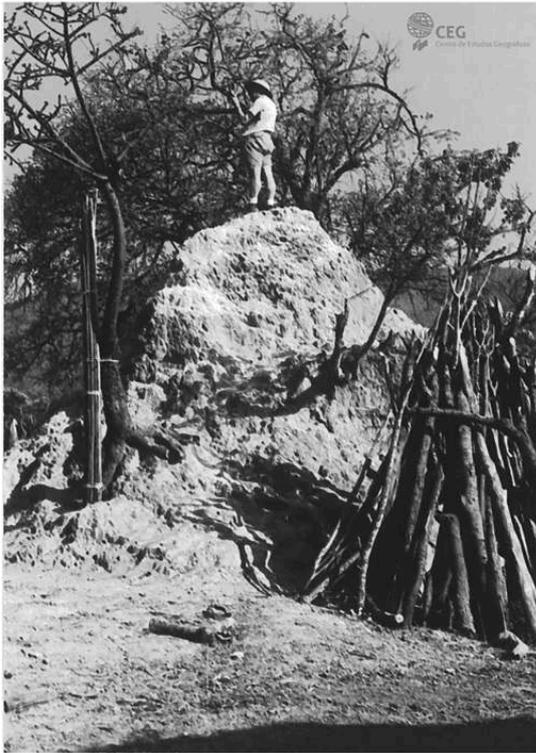
NOTA DO AUTOR

Agradeço aos dois editores do número especial «Geografia portuguesa, trópicos e colonialismo tardio» e aos dois revisores anónimos pelos seus comentários que em muito contribuíram para a melhoria da versão final deste artigo. Agradeço à Fototeca do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa pela autorização de reprodução das fotografias utilizadas. A responsabilidade por eventuais erros nos argumentos apresentados é minha. A pesquisa para este artigo foi financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. (Portugal).

[O] que o CEG [Centro de Estudos Geográficos de Lisboa] conseguiu criar foi uma coisa talvez única na ciência portuguesa, uma “escola de Geografia”, acreditada internacionalmente, que conduziu investigações em Portugal e Ilhas Adjacentes, em todos os territórios do antigo Ultramar e ainda no Brasil. Não é indiferente lembrar que foram atribuídos a trabalhos aqui elaborados 7 prémios científicos internacionais que dão ideia da aceitação dos nossos trabalhos.
Orlando Ribeiro (2008 [1978]: 117)

- 1 Foi com estas palavras que, a 19 de junho de 1978, Orlando Ribeiro (1911-1997) – fundador e primeiro diretor do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa (CEG-ULisboa) – se dirigiu ao Conselho Científico de Geografia da Universidade de Lisboa com a missão de divulgar a natureza da «longa conversa» que tivera com o então Secretário de Estado da Investigação Científica a 31 maio daquele ano. Discorrendo sobre as condições instáveis nas quais se desenvolvia a investigação científica portuguesa, Ribeiro ressaltava os sucessivos galardões concedidos a trabalhos assinados por alguns colaboradores da designada «Escola Geográfica de Lisboa». Ribeiro lembrava, deste modo, a atribuição do prémio Abílio Lopes do Rego às monografias de Francisco Tenreiro (1921-1963) sobre *A Ilha de São Tomé (Estudo Geográfico)* em 1962 (Tenreiro, 1961a), de Ilídio do Amaral (1926-2017) sobre *Santiago de Cabo Verde. A Terra e os Homens* em 1964 (I. Amaral, 1964) e de uma outra sobre *A Ilha do Fogo e as suas Erupções*, assinada pelo próprio Orlando Ribeiro e laureada em 1965 (Ribeiro, 1954). Os tributos incluíram ainda as pesquisas dos seus adjuntos, das quais se destacam *Goa e as Praças do Norte* de Raquel Soeiro de Brito (n. 1925), em 1966 (Brito, 1966a), e *Luanda. Estudo de Geografia Urbana* de Ilídio do Amaral, em 1969 (I. Amaral, 1968).
- 2 Numa primeira apreciação, torna-se evidente que o conjunto de trabalhos monográficos evocados por Ribeiro, essencialmente concebidos segundo os cânones da geografia regional francesa, foi produzido, na sua larga maioria, durante as décadas de 1950 e 1960 por alguns dos seus colaboradores mais próximos. Uma leitura adicional permite ainda notar que os estudos laureados cruzam um campo disciplinar bem-individualizado no quadro da geografia portuguesa e até europeia que, com a chancela do «nacionalismo científico» do regime político ditatorial daquele período, concentrou o debate académico em torno da necessidade de alargar o conhecimento geográfico sobre o «mundo tropical» e, em particular, sobre os territórios coloniais portugueses (Sarmiento, 2022). Foi neste contexto que, nos anos 1940, se ergueu um enquadramento político-institucional e científico que impulsionou, a partir da «Escola Geográfica de Lisboa» e sob direção de Orlando Ribeiro, um vasto programa de investigação sobre «regiões tropicais portuguesas». Influenciado pelo exemplo da «geografia tropical francófona» e do seu mestre Pierre Gourou (1900-1999) (Ribeiro, 1973), este programa viria a afirmar-se nas três décadas seguintes na sequência das missões científicas realizadas à «América tropical», incluindo ao Brasil, à «Ásia tropical», nomeadamente à antiga Índia Portuguesa e a Timor-Leste, e aos territórios coloniais da «África tropical», destacando-se o trabalho de campo em Angola e Moçambique (Garcia, 1998; Pimenta et al., 2011) (Figura 1).

Figura 1. Orlando Ribeiro realizando trabalho de campo em Angola, em 1962



Orlando Ribeiro realizando trabalho de campo em Angola, em 1962, no âmbito dos trabalhos da Missão de Geografia Física e Humana do Ultramar
Fotografia de Pierre Gourou. Fototeca CEG-IGOT-ULisboa, F19662

- 3 Não obstante o reconhecido mérito dos trabalhos assinados por académicos portugueses no âmbito das referidas missões, a estrutura intelectual do conhecimento produzido sobre «geografia tropical», bem como as suas metamorfoses contemporâneas relacionadas com discursos pós-coloniais, tem-se circunscrito aos domínios académicos anglófono (Stamp, 1938; Power e Sidaway, 2004; Clayton, 2020), francófono (Gourou, 1947; Ribeiro, 1973; Ferretti, 2021) e germânico (Troll e Fischer, 1949; Ouma, 2022). Em resultado disso, os debates académicos sobre regiões tropicais têm, no essencial, desvalorizado o diálogo com comunidades epistémicas semiperiféricas que, em certos momentos da sua trajetória epistemológica, se especializaram na difusão de produção científica relacionada com o «mundo tropical», como é o caso da «Escola Geográfica de Lisboa».
- 4 Este artigo pretende contribuir para o aprofundamento destes debates ao divulgar «histórias alternativas» e complementares àquelas que têm dominado as principais infraestruturas informacionais de difusão do conhecimento geográfico sobre regiões tropicais: revistas científicas e conferências de projeção internacional. Deste modo, pretende-se alargar o contributo desempenhado pelas revistas científicas, dos manuscritos nelas publicados e dos seus autores enquanto plataformas de disseminação do conhecimento (Fehder et al., 2014). Neste artigo, ancorado numa análise bibliométrica, discute-se o contributo de uma das mais destacadas revistas de geografia em Portugal – *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*, fundada, em 1966, por Orlando Ribeiro no CEG-ULisboa – na produção do conhecimento geográfico sobre regiões tropicais ao examinar-se, com uma lente espaço-temporal, os seus ritmos de produção

científica, os autores mais influentes na circulação desse conhecimento e ainda as principais temáticas abordadas.

- 5 Este artigo organiza-se em três partes. Após uma breve introdução, a segunda secção apresentará o aparelho metodológico do estudo, na qual se reconstitui o percurso biográfico da *Finisterra*, se justificam os critérios de elegibilidade dos manuscritos e, por fim, se indicam as unidades de análise bibliométrica que serão tratadas. De seguida, debatem-se as principais tendências de produção científica sobre regiões tropicais na *Finisterra* entre 1966 e 2021, examinando-se a irregularidade longitudinal dos ritmos dessa produção e os principais contributos dos académicos com níveis de produção científica mais elevados, bem como as temáticas privilegiadas na circulação do conhecimento sobre regiões tropicais. O artigo encerra com uma breve discussão dos resultados e algumas recomendações para futuras investigações.

Metodologia

- 6 Este estudo procura examinar a produção científica sobre regiões tropicais publicada na *Finisterra* entre 1966 e 2021, analisando os ritmos espaço-temporais dessa produção, os autores com maior volume de publicações e os seus contributos científicos para o estudo dessas regiões, bem como as mutações observadas no *corpus* temático. Para tal, mobilizou-se um conjunto de métodos bibliométricos – abordagem quantitativa baseada em indicadores bibliográficos que pretende descrever e caracterizar os padrões longitudinais de produção, disseminação e projeção do conhecimento gerado por uma determinada área disciplinar, autor ou revista – que foi combinado com revisões narrativas para avaliar a influência e o contributo científico de alguns académicos para o estudo do «mundo tropical» e as mudanças inscritas na estrutura intelectual do conhecimento sobre regiões tropicais durante as últimas décadas (Zupic e Cater, 2015).
- 7 Neste contexto, a análise empírica conduzida conceptualizou a revista científica enquanto plataforma ou infraestrutura informacional que contribui não só para divulgar o conhecimento académico entre distintas comunidades epistémicas, mas também para documentar a renovação epistemológica, temática ou metodológica das revistas e dos trabalhos publicados por essas comunidades epistémicas (Fehder et al., 2014). Assim, escolheu-se como caso de estudo um dos mais destacados repositórios de conhecimento geográfico, designadamente em língua portuguesa: a revista *Finisterra*. Por um lado, esta revista tem mantido, apesar de isoladas exceções coincidentes com períodos de escassez de financiamento, a edição relativamente regular e ininterrupta de dois números anuais, ampliada para três a partir de 2016. Por outro lado, a institucionalização da *Finisterra*, impulsionada por Orlando Ribeiro, Suzanne Daveau (n. 1925) e Ilídio do Amaral, surge indissociada do projeto pessoal e científico de Ribeiro em criar uma revista do CEG-ULisboa, que, apesar de servir como uma «janela para o mundo», se centraria na publicação de textos sobre geografia de Portugal e das colónias (Ribeiro, 1966a: 5). Tal empresa ficou permanentemente associada à construção identitária de um espaço científico-pedagógico que enformou a comunidade epistémica da designada «Escola Geográfica de Lisboa» e à qual se dedicaram, noutras ocasiões, aprofundadas caracterizações das suas fundações e trajetórias académico-institucionais e intelectuais (I. Amaral, 1979, 2001; Alcoforado et al., 2015; Machado et al., 2019).
- 8 Os dados bibliométricos que sustentam a análise foram produzidos na sequência da recolha de informação proveniente de 118 números da *Finisterra* editados entre 1966

(vol. 1, núm. 1) e 2021 (vol. 56, núm. 118), os quais foram sendo publicados com uma periodicidade essencialmente semestral (1966-2015) e quadrimestral (2016-2021), e cujas versões digitais têm sido disponibilizadas em acesso aberto desde 2010.

- 9 O protocolo de revisão bibliométrica dos manuscritos compreendeu duas etapas. Primeiro, definiram-se os critérios de elegibilidade para a inclusão/exclusão na análise de cada texto publicado na *Finisterra*. Para garantir a inclusão dos manuscritos sobre regiões tropicais, mobilizaram-se as conceptualizações geográficas veiculadas nos estudos de «geografia tropical francesa» dos anos 1940 e 1950 e que intelectualizam o «mundo tropical» – e o diferenciam do «mundo extratropical» – segundo as lógicas de distribuição das zonas climáticas globais, por um lado, e, por outro, pela trajetória marcadamente colonial da maioria dos territórios situados nessa faixa quente e húmida compreendida, grosso modo, entre os trópicos de Câncer e Capricórnio (De Martonne, 1946; Gourou, 1947; Robequain, 1948). Embora se reconheça a relevância da recontextualização ou da desconstrução das práticas e das narrativas promovidas pelos debates pós-coloniais, este artigo alicerça a sua análise segundo um critério geográfico, apoiado metodologicamente pela delimitação do mundo tropical de acordo com os princípios da «geografia tropical francesa». Deste modo, a elegibilidade dos manuscritos relacionados com o «mundo tropical» resultou da apreciação da escala espacial de referência de cada documento, obtida através de uma «triagem» qualitativa do título, resumo ou palavras-chave, quando existentes, da leitura do corpo do texto ou da observação das suas ilustrações. Importa, contudo, sublinhar que os contributos de natureza mais teórico-metodológica e mesmo temática (homenagens a investigadores ou instituições) dificultaram a identificação do âmbito espacial desses textos, motivo pelo qual – salvo se surgissem referências inteligíveis à produção científica sobre regiões tropicais, como sucedeu, por exemplo, nos números temáticos dedicados às regiões tropicais em 1983 e a Ilídio do Amaral em 1999 – foram excluídos da amostra final. Esta etapa resultou na consulta de 1.406 manuscritos, dos quais 168 (11.9%) foram incluídos na análise por tratarem uma temática relacionada com, pelo menos, um território tropical.
- 10 Em segundo lugar, estruturou-se uma base de dados na qual se caracterizaram os documentos elegíveis com os seguintes dados bibliográficos: data de publicação, tipologia documental, título, nome do(s) autor(es) e país de afiliação institucional do primeiro autor, âmbito espacial do(s) caso(s) de estudo(s), área temática abordada, idioma de publicação, volume e número da publicação, número total de ilustrações, distribuído em fotografias, mapas/plantas, imagens de satélite ou similares, outras figuras e quadros, e, ainda, uma breve caracterização semântica dos manuscritos. No caso do atributo «tipologia documental», a categorização definida atendeu às alterações registadas na organização das secções editoriais da *Finisterra*. Por um lado, a secção das «Notas e Recensões», assim designada entre 1966 e 1994, dividiu-se em duas secções autónomas, sendo que a rubrica «Recensões» se fragmentou em «Sínteses bibliográficas» e «Atualizações bibliográficas», enquanto a secção «Notas» viria a ser extinta em 2012. A partir de 1995, extinguiram-se as rubricas «Elementos estatísticos» e «Documentos para ensino», as quais foram substituídas pela secção «Notícias» (Alcoforado et al., 2015). Por isso, as tipologias documentais reduziram-se, neste estudo, a «Artigos» e «Notícias/Recensões/Notas», esta última incluindo os «Elementos estatísticos» e os «Documentos para ensino», por forma a garantir a comparabilidade longitudinal dos resultados. Por outro lado, as categorias definidas em «temática abordada» resultaram de uma adaptação das tipologias concebidas por Mariano Feio

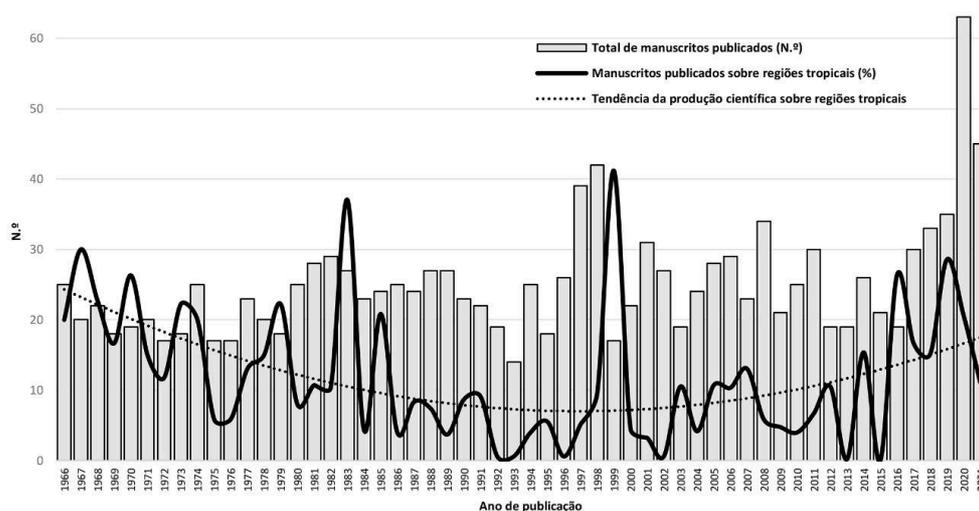
(1914–2001) (Lautensach e Feio, 1948) e aplicadas noutros estudos mais recentes (Paiva et al., 2019). Por fim, os atributos semânticos dos textos foram utilizados para identificar alterações no discurso escrito dos trabalhos publicados entre 1966 e 2021, possibilitando, desse modo, a diferenciação lexical entre os documentos produzidos em contexto colonial e outros, mais recentes, enquadrados por um desmoronamento dos estudos geográficos tropicais e por uma renovação epistemológica que envolve alguma incorporação de reflexões pós-coloniais (Power e Sidaway, 2004; Pimenta et al., 2011).

Difusão do conhecimento geográfico sobre regiões tropicais na Finisterra: produção, autores mais influentes e estrutura intelectual

Ritmos de produção científica sobre regiões tropicais: temporalidades e espacialidades

- 11 Desde a sua fundação, em 1966, a produção científica sobre regiões tropicais difundida através da *Finisterra* tem apresentado ritmos temporalmente irregulares e heterogêneos (Figura 2). Se, por um lado, esta produção científica parece ter atingido um «período dourado» ainda durante a fase de institucionalização da revista (1966-1975), observou-se, por outro lado, um declínio significativo no volume de publicações sobre regiões tropicais desde o último quartel do século XX, tendência que se acentuou na transição para o novo milénio. No entanto, os ritmos de produção científica recentes parecem sugerir uma inflexão no número de manuscritos produzidos sobre regiões tropicais, aventando-se, nos últimos anos, uma hipótese de revalorização científica das publicações que têm como objeto de estudo os territórios tropicais.

Figura 2. Ritmos de publicação científica sobre as diversas regiões tropicais na *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*, 1966-2021



Elaboração própria

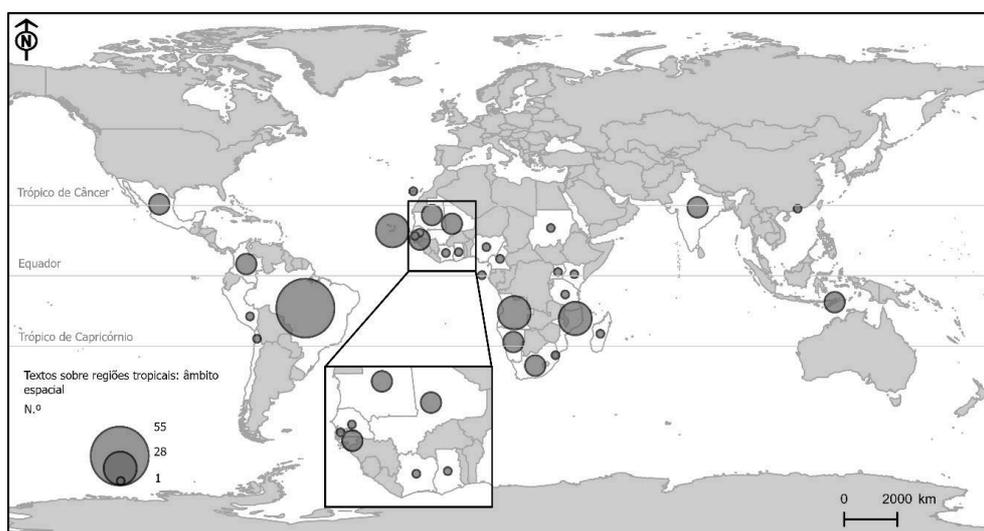
- 12 Idealizada, desde o seu primeiro número, enquanto plataforma de encontro e disseminação de estudos geográficos com aspirações nacionais e internacionais (Ribeiro, 1966a), foi durante o período de institucionalização da *Finisterra* no contexto

da geografia portuguesa que se registou o maior volume relativo de publicações sobre regiões tropicais. Durante este período, publicaram-se aproximadamente duas centenas de trabalhos, dos quais 39 (19,4%) – 21 artigos e 18 notas/recensões/notícias – ocupavam-se de alguma problemática relacionada com os territórios tropicais.

- 13 A relevância científica atribuída na *Finisterra* aos territórios tropicais entre 1966 e 1975 é indissociável dos retos e, sobretudo, das ajudas financeiras públicas que apoiaram a realização de várias missões de investigação científica aos territórios tropicais do então «Portugal ultramarino», as quais foram fortemente impulsionadas, primeiro, pela Junta das Missões Geográficas e de Investigação Coloniais e, depois, pela renomeada Junta das Investigações do Ultramar (I. Amaral, 1983a). Destacam-se, por exemplo, a Missão de Geografia à Guiné (1947), a Missão de Geografia de Cabo Verde (1952-1953), a Missão de Geografia à Índia (1955-1956) e, sobretudo, as várias missões que ambicionavam dissolver uma «grave lacuna» nos contributos portugueses para o conhecimento dos territórios coloniais de Angola (1958-1973) e Moçambique (1961-1969), situação que, suportada pelo nacionalismo científico do Estado Novo, legitimou a criação do Agrupamento Científico de Preparação de Geógrafos para o Ultramar (ACPGU, 1958-1973), da Missão de Estudos de Geografia Física do Ultramar (MEGFU, 1958-1961) e da importante Missão de Geografia Física e Humana do Ultramar (MGFHU, 1961-1973) (Havik e Daveau, 2011; Sarmiento, 2022).
- 14 Neste contexto, não surpreende que, entre 1966 e 1975, os trabalhos publicados na *Finisterra* sobre regiões tropicais se centrem nos territórios coloniais portugueses, com destaque para Angola (14 textos), Cabo Verde (4 textos), Guiné-Bissau (3 textos), Moçambique (3 textos), Macau, Índia e Timor-Leste (3 textos), além do Brasil (8 textos) (Mapa 1 e Figura 3). Realça-se, ainda, a importância de outros territórios africanos, sobretudo da África subsariana na sequência das missões realizadas por Suzanne Daveau à Mauritânia (1958 e 1960-1967), Mali (1956) ou Senegal (1956 e 1959) e sobre os quais se publicaram vários trabalhos que analisaram processos geomorfológicos nestes territórios (Daveau, 1966; 1967; Garcia, 1997).
- 15 Além de sublinharem a orientação editorial gizada por Ribeiro para a *Finisterra*, revista que deveria funcionar, também, «como uma janela para o mundo» ultramarino (Ribeiro, 1966a: 5), estas espacialidades refletem ainda o impulso científico desencadeado pelas missões de investigação criadas e subsidiadas pela Junta de Investigações do Ultramar. Por exemplo, as publicações sobre Angola publicadas na *Finisterra* entre 1966 e 1975 (14 trabalhos) e entre 1976 e 1985 (9 trabalhos) traduzem a importância das missões científicas chefiadas por Orlando Ribeiro (1958-1973) e Mariano Feio (1958-1961) e que foram desenvolvidas, em distintos momentos, por investigadores-adjuntos e bolseiros do CEG-ULisboa (I. Amaral, 1971, 1978, 1983b; Brito, 1970; Feio, 1966, 1970; Guerreiro, 1966, 1971; I. Medeiros, 1972; Silva, 1975). Também as missões de estudo realizadas a Moçambique (1961-1969) contribuíram para o volume de publicações entre 1966 e 1975 e, sobretudo, entre 1976 e 1985 sobre este antigo território colonial português (I. Amaral, 1969; Moreira, 1974, 1983a, 1983b; Sarmiento e Brito-Henriques, 2013). Torna-se, assim, evidente a existência de um desfasamento temporal importante entre os períodos durante os quais se realizaram as missões de campo nos antigos territórios coloniais, nas quais se recolhiam *in loco* os dados primários que sustentavam as investigações em curso, e a publicação desse material na *Finisterra*, que acompanha, com uma forte expressão editorial, não só o contexto de transição político-institucional, mas também após os processos de independência

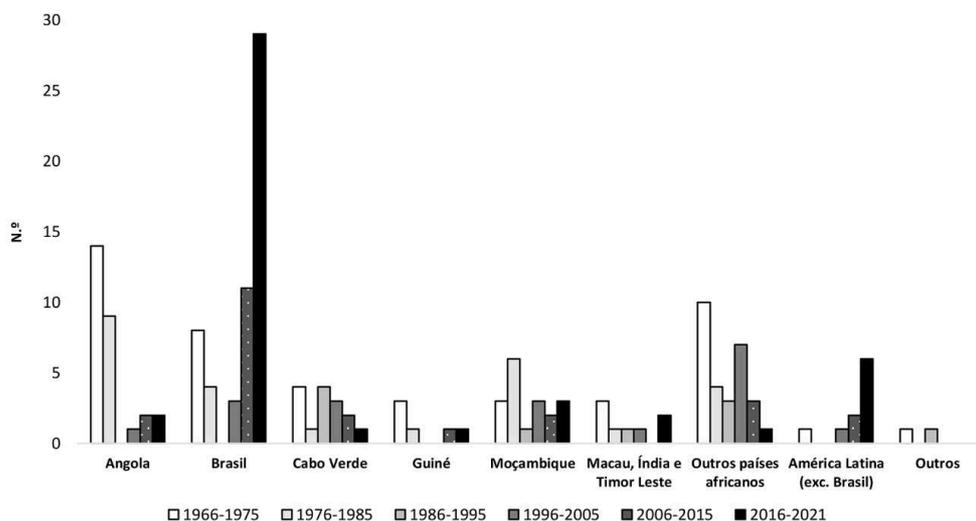
desses territórios. No entanto, nota-se que os eventuais contributos decorrentes das anteriores missões de Geografia à Guiné, à Índia e a São Tomé e Príncipe constituem um *corpus* científico relativamente reduzido no fluxo editorial da *Finisterra*. Se, por um lado, esta revista fora apenas fundada em 1966, por outro, outras plataformas, entre as quais a *Garcia de Orta: Revista da Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar* (1953-1972) e a *Geographica: Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa* (1965-1973), constituíram canais privilegiados para a difusão do conhecimento destas missões, incluindo aquelas que decorreram em São Tomé e Príncipe (Brito, 1956, 1965, 1966a, 1966b, 1971; Feio, 1956, 1964; Ribeiro, 1956, 1961).

Mapa 1. Âmbito espacial dos manuscritos sobre as diversas regiões tropicais publicados na *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*, 1966-2021



Elaboração própria

Figura 3. Número total de manuscritos sobre as diversas regiões tropicais publicados na *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*, 1966-2021



Número total de manuscritos sobre as diversas regiões tropicais publicados na *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia*, 1966-2021, por âmbito espacial e década

Elaboração própria

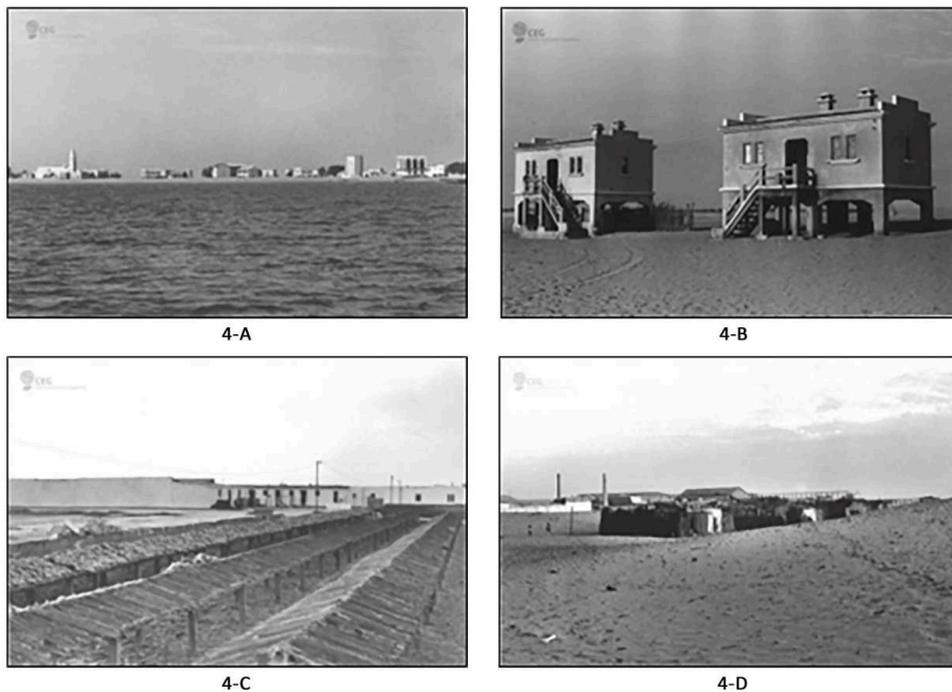
- 16 Embora o período de institucionalização da *Finisterra* coincida com o auge da produção científica sobre regiões tropicais, observa-se que entre 1966 e 1975 o peso relativo da designada «Geografia tropical» descrevia já uma trajetória descendente. Tal vocação parece ser sintomática das reverberações que a guerra do Ultramar (1961-1974) em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique e a subsequente autodeterminação dos territórios da Guiné-Bissau (1974) e de Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe (1975) desempenharam na inviabilidade operacional dos estudos geográficos nestes territórios.
- 17 Esta sucessão de acontecimentos resultou no decréscimo do número de trabalhos sobre regiões tropicais publicados na *Finisterra* entre 1976 e 1985. Neste período, apesar do aumento da publicação científica global na *Finisterra*, com mais de 230 textos distribuídos por 20 números, o volume de trabalhos que analisava regiões tropicais, por um lado, reduziu-se ligeiramente, não ultrapassando os 35 manuscritos (15.0%); por outro, inscreveu uma inflexão na preeminência editorial dos artigos científicos – tradicionalmente a tipologia de documento privilegiada para a disseminação de resultados de investigações empíricas apoiadas em trabalho de campo – e a sua transferência para a secção de notas/recensões/notícias (26 manuscritos).
- 18 A trajetória longitudinal dos ritmos de produção científica sobre regiões tropicais na *Finisterra* entre 1976 e 1985 não pode ser dissociada das metamorfoses ocorridas no sistema político português desde 1974, caracterizadas simultaneamente por rasgos de uma progressiva aproximação – acompanhada de um pedido de adesão à Comunidade Económica Europeia em 1977 – às democracias liberais europeias e, sobretudo, a independência das «Províncias Ultramarinas» em África. Os processos de democratização e descolonização, consagrados com a revolução de abril de 1974, obrigaram a repensar as linhas e as prioridades paradigmáticas de investigação científica da geografia portuguesa. Embora se tenha postulado uma relação *quasi*-natural entre os processos de democratização e de autodeterminação dos territórios coloniais portugueses e a dissolução da linha de investigação geográfica sobre regiões tropicais (Sarmiento, 2019), uma leitura complementar, apoiada pelos ritmos de publicação sobre regiões tropicais na *Finisterra*, permite aferir que uma parte relevante dos manuscritos sobre territórios ultramarinos portugueses foi publicada entre 1976 e 1985, isto é, no período subsequente aos processos de independência.
- 19 O âmbito espacial dos manuscritos publicados entre 1976 e 1985, apesar de validar a hipótese do progressivo declínio científico dos estudos sobre regiões tropicais, mantém-se relativamente inalterado em comparação com o período 1966-1975, continuando a predominar problemáticas relacionadas com Angola (9 textos, menos 5 em comparação com o período 1966-1975) e Moçambique, que duplicou, entre 1976 e 1985, a sua representação editorial na *Finisterra* (6 textos). Importa, contudo, sublinhar a acentuada redução do interesse científico pelos restantes antigos territórios coloniais, nomeadamente Cabo Verde, Guiné-Bissau e «Índia Portuguesa», com 1 manuscrito cada, e ainda sobre o Brasil, que registou uma redução de 8 para 4 manuscritos entre 1966-1975 e 1976-1985.
- 20 Esta evolução espaço-temporal da produção científica sobre regiões tropicais encontra-se associada ao término das missões científicas financiadas pela Junta das Investigações do Ultramar na sequência do colapso do «Portugal ultramarino». Em resultado disso, assistiu-se, por um lado, a uma redução no volume de artigos científicos sobre regiões tropicais entre 1976 e 1985, circunstância que foi, contudo,

contrabalançada pelo aumento notável de textos na secção das notas/recensões/notícias. Para esta inflexão contribuíram os trabalhos submetidos a provas de doutoramento na Universidade de Lisboa, elaborados no quadro das atividades de investigação do ACPGU (1958-1973) e da MGFHU (1961-1973), e que foram objeto de recensões nas páginas da *Finisterra*, somando-se as já habituais leituras críticas das recentes obras de referência sobre climatologia ou geomorfologia tropicais (I. Amaral, 1983c; Ferreira, 1982; Ollier, 1983, 1985). Destacam-se, por exemplo, as recensões da tese de doutoramento de Carlos Alberto Medeiros (n. 1943) sobre a colonização dos planaltos angolanos da província da Huíla (C.A. Medeiros, 1976; Brito, 1977), o estudo geomorfológico sobre a bacia do rio Umbelúzi assinado por Maria Eugénia Moreira (n. 1945), «começado em 1973, em Moçambique» (I. Amaral, 1980: 276), ou ainda o trabalho de Maria Clara Mendes (n. 1947), centrado nas problemáticas urbanas da cidade colonial de Maputo (antiga Lourenço Marques), com o «essencial dos dados mais recentes referidos a 1973» (C.A. Medeiros, 1980a: 280; Mendes, 1979).

- 21 Além do que já era possível aclarar nos trabalhos recenseados, a extinção das missões científicas ao antigo ultramar português permitiu, também, animar a hipótese de desmantelamento da linha de investigação sobre regiões tropicais ao observar-se um desfazamento importante entre o período de referência de recolha dos dados primários que sustentavam as investigações e a sua respetiva publicação na *Finisterra*. Por exemplo, os estudos que Ilídio do Amaral publicou entre 1976 e 1985 sobre o processo de urbanização em Angola incluem os perfis urbanos de algumas cidades angolanas em 1965 e a planta funcional de Luanda, datada de 1968 (I. Amaral, 1978). Num outro estudo, Ilídio do Amaral (1983b: 315) acautelou que a análise elaborada sobre a evolução demográfica dos musseques de Luanda resultara maioritariamente da consulta de materiais produzidos nos anos 1960 e 1970, referindo-se à «nossa amostragem de 1964», realizada no âmbito dos trabalhos do ACPGU e nos quais Amaral colaborou, primeiro, como bolseiro e, depois, como adjunto (Oliveira, 2017). Por sua vez, o contributo de Carlos Alberto Medeiros sobre o povoamento da Baía dos Tigres, em Angola, permite também consolidar a hipótese anterior, não só porque, neste manuscrito, Medeiros (1978: 128) indica que o trabalho de campo se terá realizado «[p]or volta de 1973-74», mas também porque as fotografias aí publicadas foram registadas nesse período (Figura 4). Também alguns dos trabalhos assinados por Maria Eugénia Moreira nos anos 1980, produzidos no âmbito do seu doutoramento sobre aspetos geomorfológicos do litoral de Moçambique, apoiaram-se em «observações de campo [que] foram realizadas entre 1972 e 1975» (Moreira, 1983a: 223) (Figura 5). Este conjunto de trabalhos, que foram apenas publicados após a independência das antigas colónias portuguesas em África, revela as adversidades experienciadas pelos investigadores portugueses em garantir a continuidade dos seus estudos científicos nos antigos territórios coloniais na sequência dos conturbados processos de independência, do enfraquecimento das instituições portuguesas em África e da transição democrática então em curso (Feio, 1982, Sarmento, 2019).
- 22 Foi, contudo, entre 1986 e 1995 que se registou uma decadência significativa em torno do projeto científico sobre regiões tropicais nos moldes até então seguidos pela *Finisterra*, porquanto o volume de trabalhos sobre territórios tropicais correspondeu apenas a 5.4% (12 textos) do volume total de publicações nesse período. Esta evolução, que sugere o rápido desmoronamento do projeto de investigação tropical da «Escola Geográfica de Lisboa», surge relacionada com a referida mudança do foco geopolítico da investigação publicada na *Finisterra* do «mundo tropical» para a Europa na sequência da

adesão portuguesa à Comunidade Económica Europeia, em 1986 (Alves, 1986; I. Amaral, 1986; Paiva e Oliveira, 2021). Esta reconfiguração escalar do conhecimento produzido pela geografia portuguesa já se adivinhava no início dos anos 1980 quando foram organizados os primeiros colóquios ibéricos de geografia em Salamanca (1979) e em Lisboa (1980). Concebidos enquanto microespaços para incentivar o convívio científico entre duas comunidades epistémicas que, apesar de terem partilhado influências vidalianas comuns, pouco haviam colaborado, a realização destes colóquios constituiu, também, uma tentativa de aproximar os geógrafos espanhóis e portugueses e as suas problemáticas de estudo daquelas que eram praticadas «num quadro europeu bem individualizado» (C.A. Medeiros, 1980b: 261). Além do advento de uma orientação europeísta na produção científica publicada na *Finisterra*, o desmoronamento do projeto científico tropical, neste período, deveu-se, também, à consolidação de uma reconfiguração político-ideológica que se procurava distanciar dos ensaios geográficos que tinham como objeto de estudo os antigos territórios coloniais, na medida em que a continuidade de tal empresa científica constituía um prolongamento de um certo «nacionalismo científico-institucional» que se alicerçava numa visão imperialista, influenciada por leituras neocoloniais, na produção do conhecimento geográfico sobre esses territórios.

Figura 4. Povoamento na cidade de São Martinho dos Tigres, Baía dos Tigres, Angola (1973-74) com fotografias de Carlos Alberto Medeiros publicadas na *Finisterra*, XIII, 25 (1978)



4-A: Aspeto da povoação vista do mar; 4-B: Casas sobre pilares e com escada exterior; 4-C: Giraús duma fábrica da Baía dos Tigres; 4-D: Esboço de muceque junto a uma fábrica

4A (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa, F19507) ; 4B (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa, F19505) ; 4C (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa, F19508) ; (Fototeca CEG-IGOT-ULisboa, F19506)

Figura 5: Pormenor de estratificação do grés costeiro na costa leste da Península de Bartolomeu Dias, Moçambique (1974)



Pormenor de estratificação do grés costeiro na costa leste da Península de Bartolomeu Dias, Moçambique (1974)

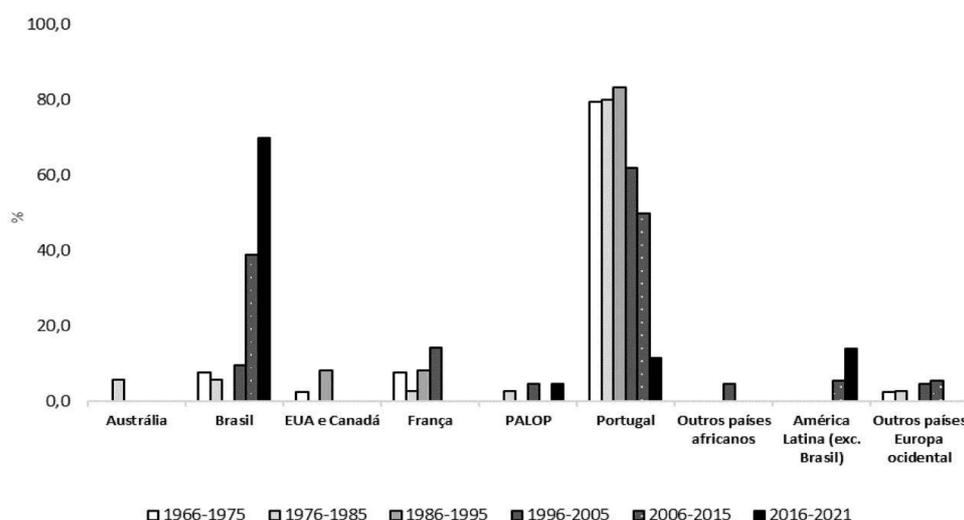
Fotografia de Maria Eugénia Moreira. Fototeca CEG-IGOT-ULisboa F19230

- 23 Numa apreciação do âmbito espacial dos artigos publicados entre 1986 e 1995 sobre regiões tropicais, é notório o declínio no número de trabalhos que têm como objeto de estudo os antigos territórios coloniais. Por um lado, a produção científica sobre Angola, que representava 14 textos entre 1966 e 1975, era já inexistente vertidas duas décadas, tendência igualmente seguida pela Guiné-Bissau e, ainda que em menor magnitude, por Moçambique (1 texto) e por outros países africanos (3 textos). Por outro lado, entre 1986 e 1995, aumentou o volume de publicações sobre Cabo Verde (4 textos), justificado não só com a severidade da situação de seca meteorológica vivida no arquipélago desde 1968 (Ferreira, 1987) ou com estudos de aprofundamento de processos geomorfológicos em algumas ilhas (Daveau, 1988), mas também com debates sobre os efeitos da erupção vulcânica na ilha do Fogo, em abril de 1995 (Correia & Costa, 1995). Finalmente, a leitura complementar oferecida por Alcoforado et al. (2015) permite demonstrar que, desde 1986, um progressivo interesse pelas problemáticas relacionadas com os processos de integração/convergência nas regiões europeias em detrimento de outras que versavam sobre territórios tropicais se consolida na linha editorial da *Finisterra*.
- 24 No entanto, e contrariando as tendências de declínio da produção científica sobre regiões tropicais registadas desde o último quartel do século XX, tem-se descoberto, mais recentemente, uma progressiva revalorização das problemáticas relacionadas com o «mundo tropical» na *Finisterra*. Esta empresa científica iniciou-se na transição para o século XXI, consolidou-se entre 2006 e 2015 e tem-se intensificado notavelmente desde 2016 (19.1% dos 225 textos entre 2016 e 2021) ao permitir embargar um período prolongado de desinteresse académico pelo «mundo tropical» e revitalizar a sua

relevância editorial, atualmente idêntica à inscrita na fase de institucionalização da *Finisterra* (19.4% do volume total de publicações entre 1966 e 1975).

- 25 Esta transição recente no volume de produção científica não deve, ainda assim, ser interpretada como um retorno ou revisionismo dos paradigmas de «Geografia tropical» consagrados pelos geógrafos associados à «Escola Geográfica Lisboa» no penúltimo quartel do século XX – que, juntamente com autores com afiliação institucional francesa, dominaram a linha editorial da *Finisterra* até ao final do século XX – e que permitiram aprofundar o conhecimento sobre regiões tropicais num contexto de colonialismo tardio em África (Figura 6). Pelo contrário, o aumento relativo nesta produção científica é justificado pela crescente incorporação das problemáticas académicas contemporâneas relacionadas com o «sul-global» e com a América Latina, em geral, e com o Brasil, em particular, no fluxo editorial da *Finisterra*. Por conseguinte, o número de manuscritos que, entre 2016 e 2021, tinham o Brasil como objeto de estudo representava cerca de 67% dos trabalhos sobre regiões tropicais publicados na *Finisterra*, seguido de outros países da América Latina (14.0%), como a Colômbia ou o México. Sem surpresa, os primeiros autores de cerca de 70% dos textos publicados sobre regiões tropicais, entre 2016 e 2021, estavam associados a, pelo menos, uma instituição de I&D brasileira e não, como sucedia nas primeiras décadas de publicação da *Finisterra*, à designada «Escola Geográfica de Lisboa».

Figura 6. Manuscritos sobre as diversas regiões tropicais publicados na *Finisterra* – *Revista Portuguesa de Geografia*



Por país de afiliação institucional do primeiro autor e década (%)

Elaboração própria

- 26 As metamorfoses aqui evidenciadas resultam de uma preferência dos autores brasileiros e, em menor magnitude, de outros autores afiliados em instituições da América Latina em publicarem em revistas portuguesas de Geografia, designadamente na *Finisterra*, não só por constituir uma oportunidade que lhes permite difundir as suas investigações na língua materna – 79.1% dos trabalhos sobre regiões tropicais, entre 2016 e 2021, foram redigidos em português –, mas também porque a revista oferece um conjunto de vantagens competitivas associadas à divulgação dos manuscritos em sistema de acesso aberto. Por outro lado, embora a opção de determinados autores em

publicarem as suas investigações em revistas científicas portuguesas possa simbolizar um movimento de resistência contra o «colonialismo epistémico», que estimula, no essencial, a publicação em revistas anglófonas de ampla projeção internacional (Sparks, 2021), o aumento assinalável da publicação científica sobre regiões tropicais na última década – e, também, a sua redação em língua castelhana (11.6%) e até inglesa (9.3%) – parece coincidir com a indexação da *Finisterra* nas bases de dados bibliográficas de maior projeção internacional, tais como a Scopus (2013) e a *Web of Science* (2015), além da sua presença em outras plataformas relevantes à escala regional, nomeadamente na *WebQualis*, no Brasil, ou na *Latindex*, no espaço ibero-americano.

Vidas e obras dedicadas às regiões tropicais: padrões espácio-temporais de produção científica e contributos para a geografia do «mundo tropical»

- 27 A evolução longitudinal da produção científica sobre regiões tropicais publicada na *Finisterra* demonstrou, se algo mais, que o contacto privilegiado e relativamente alargado dos académicos associados à «Escola Geográfica de Lisboa» com os trópicos contribuiu para a fabricação de um intenso debate académico em torno das regiões tropicais que se estendeu, no essencial, desde o rebento editorial da *Finisterra* e se prolongou, no contexto e condições atrás referidas, além das «guerras de libertação» nas antigas colónias portuguesas em África. Assim, não surpreende que os autores com maior produção sobre regiões tropicais na *Finisterra* tenham publicado a maioria dos seus trabalhos entre os anos 1960 e 1990 (Quadro 1 e Figura 7).

Quadro 1: Autores com maior produção científica sobre regiões tropicais na *Finisterra* – *Revista Portuguesa de Geografia*, 1966–2021

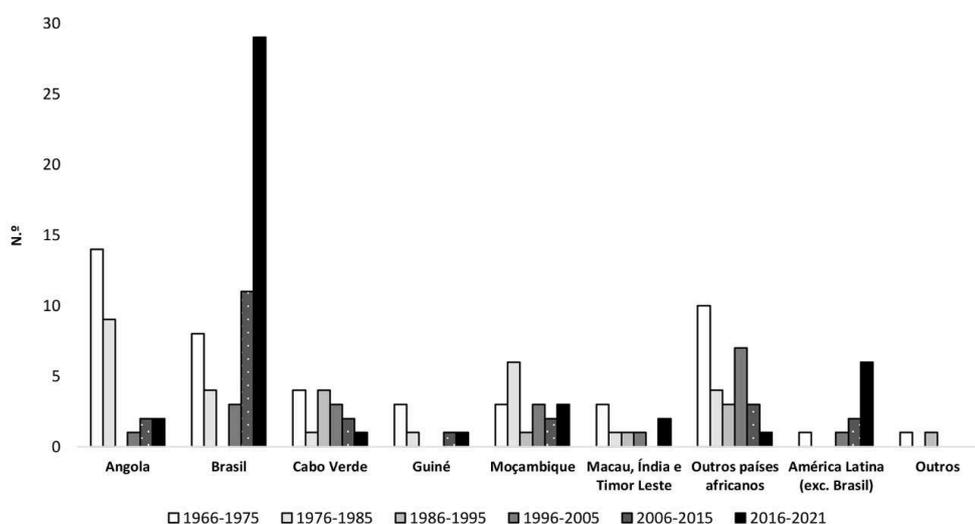
Autor/a	Vida	N.º total de textos	N.º total de textos sobre trópicos	% de textos sobre trópicos	Primeiro texto na <i>Finisterra</i>	Último texto na <i>Finisterra</i>
Ilídio do Amaral	1926–2017	64	19	29.7	1966	2008
Suzanne Daveau	1925–...	100	10	10.0	1966	2016
Carlos Alberto Medeiros	1943–...	35	10	28.6	1966	2013
Isabel Marques Medeiros	1939–...	10	8	80.0	1970	2011
Maria Eugénia Moreira	1945–...	16	5	31.3	1974	2005

Orlando Ribeiro	1911–1997	56	5	8.9	1966	1985 ¹
Orlando Valverde	1917–2006	4	4	100.0	1967	1977
António Costa	N/A	3	3	100.0	1981	1983
Denise de Brum Ferreira	1947–...	21	3	14.3	1980	2007
Mariano Feio	1914–2001	15	3	20.0	1966	1997

Foram publicados, a título póstumo, vários manuscritos assinados por Orlando Ribeiro que não foram considerados para a contextualização cronológica aqui apresentada, embora tenham sido integrados no volume total de produção científica. Além de duas notas assinadas e/ou traduzidas por Medeiros (Ribeiro, 2001 [1989]) e Daveau (Ribeiro, 2002 [1984]), o número 85 da *Finisterra*, editado em 2008, foi parcialmente dedicado a Ribeiro. Nessa edição, publicaram-se 5 manuscritos originais, datados ou retocados, na sua maioria, nos anos 1960 e 1970.

Elaboração própria

Figura 7. Perfis longitudinais dos autores com maior produção científica sobre regiões tropicais publicada na *Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia*, 1966–2021



Elaboração própria

- 28 Os perfis longitudinais dos autores com maior volume de publicações sobre regiões tropicais permitiram identificar duas gerações de académicos que, embora de reduzida dimensão, contribuíram para a produção de conhecimento sobre estas regiões. Tendo assinado, em conjunto, cerca de quatro dezenas de textos, destacam-se, nesta primeira geração de geógrafos, Orlando Ribeiro e os seus colaboradores mais próximos, nomeadamente Mariano Feio, que coordenou a MEGFU, Ilídio do Amaral, que colaborou nas atividades do ACPGU e da MGFHU, e Suzanne Daveau. Acrescem a estes os trabalhos do brasileiro Orlando Valverde (1917-2006), especialista em geografia agrária tropical

(Valverde, 1967, 1968, 1977). Estes cinco geógrafos, quatro dos quais associados à «Escola Geográfica de Lisboa», foram responsáveis por 24.4% do volume total de trabalhos publicados sobre regiões tropicais na *Finisterra* entre 1966 e 2021, realçando-se os períodos entre 1966 e 1975 (46.2%) e 1976 e 1985 (42.9%), durante os quais se destacou a produção de Ilídio do Amaral (19 textos) e de Suzanne Daveau e Carlos Alberto Medeiros, ambos com 10 textos.

- 29 O interesse por uma linha de investigação sobre regiões tropicais no CEG-ULisboa orbita em torno de Orlando Ribeiro e remonta a 1935, ano em que concluiu o seu doutoramento e participou em incursões pelos então territórios portugueses em África. Na década seguinte, já integrado nos debates promovidos pela Junta de Investigações Coloniais, Ribeiro defendeu a necessidade de se produzir conhecimento científico sobre o «Ultramár português», tendo daí resultado a criação das missões de geografia na Guiné, Índia e em Angola e Moçambique, sediadas no entretanto criado CEG-ULisboa e várias das quais dirigidas pelo próprio Ribeiro. Pese embora a escassa produção científica de Orlando Ribeiro na *Finisterra* sobre regiões tropicais – 5 textos entre 1966 e 1979 –, nela acaba por dedicar menos atenção a África ao privilegiar as temáticas da geografia regional da América Latina, em geral, e do Brasil, em particular. Se, por um lado, este padrão de produção científica se correlaciona com as viagens de estudo que realizou ao Brasil nos anos 1950 – onde foi recebido pelo geógrafo Aroldo de Azevedo (1910-1974), a quem dedicou a sua primeira recensão na *Finisterra* (Ribeiro, 1966b) –, por outro lado, a participação de Ribeiro na Conferência Regional Latino-americana da União Geográfica Internacional, em 1966, no México, parece ter motivado o geógrafo a publicar na *Finisterra* uma versão alargada da comunicação que apresentou acerca da leitura comparada da ocupação do solo e das técnicas agrícolas aplicadas na «América tropical» (Ribeiro, 1967; Oliveira, 2019). As temáticas tropicais retornariam à atenção de Ribeiro nos anos 1970, com a publicação de uma recensão sobre a geomorfologia da Baixada da Guanabara, no Rio de Janeiro, local que visitou em 1952 e 1956, e outra dedicada ao estudo etnográfico que o seu colaborador Manuel Viegas Guerreiro (1912-1997), após dificuldades na condução da investigação em Moçambique, acabou por consagrar à propriedade e à aquisição de bens na sociedade *boximane*, em Angola (Guerreiro, 1966; Ribeiro, 1970, 1979).
- 30 Convidado como assistente e colaborador de Orlando Ribeiro em 1944, a vida científica de Mariano Feio foi preenchida por vários contributos na área da geomorfologia, tendo, desde logo, elaborado o doutoramento, em 1952, sobre a evolução do relevo nas regiões portuguesas do Baixo Alentejo e Algarve (Daveau, 2002). Também a sua produção científica na *Finisterra*, incluindo a pouca que dedicou ao «mundo tropical», revela o interesse de Feio por processos geomorfológicos, do qual resultou a autoria de três textos entre 1966 e 1982. Estes trabalhos surgem na sequência da coordenação da MEGFU e da sua colaboração, como adjunto, na MGFHU, nas quais terá cumprido dois anos de trabalho de campo, repartidos entre 1958 e 1966, que lhe permitiram concluir um notável inquérito geomorfológico de Angola (Daveau, 1985a). Os seus contributos na *Finisterra* ilustram os resultados da pesquisa geomorfológica que aí realizou ao sintetizarem aspetos da escadaria de aplanacões do sudoeste de Angola e a sua influência na evolução do relevo dessa região (Feio, 1966), ao traçarem a evolução complexa do rio Cunene (Feio, 1970) e ao explorarem o curso subterrâneo do rio Ngunza, tido como um fenómeno «raro e interessante» inicialmente observado duas décadas antes (Feio, 1982: 153). Vale notar que, embora Feio tenha percorrido a «Índia

Portuguesa» em 1955 e 1956, os desfechos dessa missão estão ausentes das suas publicações na *Finisterra*, tendo sido privilegiados outros canais de difusão (Feio, 1956, 1979).

- 31 Os perfis longitudinais identificados nesta análise bibliométrica permitem concluir que o «saber geográfico tropical» produzido pela «Escola Geográfica de Lisboa» é inseparável da figura de Ilídio do Amaral, responsável por uma das mais numerosas obras científicas dedicadas ao «mundo tropical», sobretudo nos domínios da geomorfologia e da geografia urbana (Alcoforado, 2017; Oliveira, 2017). Dois anos após ter defendido, na Universidade de Lisboa, a sua tese de licenciatura sobre a cidade de Luanda, de onde era natural, Ilídio do Amaral iniciou, em 1958, a sua carreira docente e de investigação no CEG-ULisboa, tendo colaborado como bolsheiro e, depois, como adjunto no ACPGU e na MGFHU, mecanismos no âmbito dos quais pretendia elaborar o seu doutoramento sobre a geomorfologia do norte de Angola (A. Amaral, 1999). No entanto, na sequência da eclosão dos movimentos independentistas naquele território, Ilídio do Amaral acabou por realizar uma monografia sobre a ilha cabo-verdiana de Santiago (I. Amaral, 1964), à qual dedicou, particularmente aos seus aspetos geomorfológicos, um vasto conjunto de trabalhos não só na *Finisterra* (I. Amaral, 1967), mas sobretudo na *Garcia de Orta: Série de Geografia* (I. Amaral, 1974a), revista que Amaral criara em 1973 e à qual confiou a maioria dos seus trabalhos de geomorfologia tropical (I. Amaral, 1973a, 1973b, 1974b). Não obstante, também a produção científica de Ilídio do Amaral na *Finisterra* certificou o seu interesse por aquele ramo disciplinar não só através da publicação de um conjunto de resenhas onde refletia sobre o contributo de algumas monografias de doutoramento e obras seminais para o estudo da geomorfologia das regiões tropicais (I. Amaral, 1980, 1983c), mas também através de textos que retomavam e aprofundavam algumas das observações que, em colaboração com Mariano Feio, tinham sido registadas «em caderno de campo durante as pesquisas efetuadas nos anos anteriores [anos 1950 e 1960]» para analisar o padrão de drenagem na bacia do rio Cambongo-Negunzo, em Angola, e a morfogénese das superfícies de aplanagem e das formas de relevo de tipo *inselberge* aí existentes (Feio, 1982; I. Amaral, 2006: 26). No entanto, o maior peso do trabalho (10 dos 19 textos editados) assinado por este incansável investigador do «mundo tropical» na *Finisterra* foi dedicado às problemáticas urbanas na África subsariana, com destaque para as cidades de Joanesburgo na África do Sul (I. Amaral, 1966), Beira, em Moçambique (I. Amaral, 1969), e, sobretudo, Luanda (I. Amaral, 1971, 1978, 1983b). Todos estes estudos são produto da perspetiva crítica de Ilídio do Amaral na análise das cidades subsarianas ao defender a incorporação de leituras diacrónicas, atentas aos «fenómenos complexos de introdução, sobreposição e justaposição de dois tipos [o tradicional e o colonial] muito diferentes de organização do espaço» (I. Amaral, 1971: 153), para compreender a evolução daquelas cidades, do seu CBD, das relações criadas com o seu *hinterland* e dos problemas próprios do rápido crescimento urbano, como ilustram as reflexões acerca dos musseques em Luanda (I. Amaral, 1978, 1983b) (Figura 8). Este conjunto de estudos «colocou a chamada “Escola de Lisboa” no topo das investigações em Geografia Urbana» (Gaspar, 2017 [2014]: 154). Por fim, o interesse de Ilídio do Amaral pelas questões urbanas conservou-se nos anos 1980 quando publicou três notas sobre obras que documentavam os dilemas das «cidades do “Terceiro Mundo”» (I. Amaral, 1985a, 1985b, 1987). Ainda assim, vale notar que o seu último texto dedicado ao «mundo tropical» na *Finisterra* é revelador de uma certa renovação semântica, concordante com a transição epistemológica em curso nos «estudos tropicais». Além do termo «colonial» ter

desaparecido do léxico, substituíram-se as «cidades do “Terceiro Mundo”» pelas «cidades dos países em desenvolvimento» (I. Amaral, 2005), mudanças que se acentuaram nos seus estudos mais recentes (Gaspar, 2014[2017]; Oliveira, 2017).

Figura 8. Processo de urbanização da cidade de Luanda, Angola (1938-1968)



8-A: Luanda vista da Fortaleza de São Miguel, em 1938 (Fonte: Fototeca CEG-IGOT-Ulissboa: ser. Centro de Informação e Turismo de Angola; 8-B: Luanda vista da Fortaleza de São Miguel, em 1968.

Fotografia de Ilídio do Amaral. Fototeca CEG-IGOT-Ulissboa, IA 1968 – I14.

- 32 À semelhança da obra de Ilídio do Amaral, também as contribuições publicadas na *Finisterra* por Suzanne Daveau figuram entre as mais relevantes na linha editorial sobre regiões tropicais desta revista. Apesar da relação da geógrafa francesa com a «Escola de Lisboa» ter surgido apenas em 1965, o interesse de Daveau pelo «mundo tropical» terá surgido ainda em França na sequência da sua participação num conjunto de expedições nos anos 1950 e 1960 que tinham como destino a designada «África ocidental francesa», no qual se destacaram as repetidas incursões aos territórios do Mali, Mauritânia e Senegal e que se traduziram, logo em 1957, na apresentação de uma tese complementar de doutoramento sobre a geomorfologia da região de Bandiagara, no Mali, a que se seguiu a coordenação dos estudos da dinâmica quarternária na Mauritânia e a atividade docente no Senegal (Garcia, 1997). Neste contexto, os primeiros originais de Suzanne Daveau na *Finisterra*, sempre ilustrados com várias fotografias, foram estudos que examinaram aspetos morfogenéticos dos planaltos de arenitos e a sua ocupação humana no Mali e Mauritânia (Daveau, 1966) e uma leitura comparada das paisagens geomorfológicas na «África ocidental francesa» e no nordeste brasileiro, que visitou em 1965 (Daveau, 1967). O último destes trabalhos compõe uma versão ampliada do resumo apresentado um ano antes, no México, por ocasião da Conferência Regional Latino-americana da União Geográfica Internacional, onde esteve com Orlando Ribeiro. Os artigos de Daveau sobre geomorfologia das regiões tropicais na *Finisterra* reapareceram apenas nos anos 1980 após a realização de uma curta viagem ao arquipélago de Cabo Verde em 1985, no âmbito da qual estudou formas de erosão fluvial e os efeitos desta nos fundos de vales e na atividade humana da ilha de Santo Antão (Daveau, 1988). Durante este interregno, apesar de não ter colaborado diretamente em nenhuma das missões sediadas no CEG-Ulissboa aos territórios coloniais portugueses – visitou, porém, Angola em 1961 e 1969 e Moçambique em 1961 e 1973 –, Suzanne Daveau acompanhou os trabalhos que delas decorreram através da recensão de obras entretanto publicadas (Daveau, 1967, 1985a), bem como de outros trabalhos seminais entretanto divulgados sobre regiões tropicais (Daveau, 1969, 1985b).

- 33 Apesar da relevância destas notáveis trajetórias científicas devotas ao «mundo tropical», a diversidade desta primeira geração de geógrafos apenas fica completa com uma referência a um conjunto de académicos cuja obra sobre regiões tropicais se encontra sub-representada ou mesmo ausente da linha editorial da *Finisterra*. Primeiro, Francisco Tenreiro (1921-1963), natural da ilha de São Tomé, integrou, a convite de Ribeiro, o CEG-Ulissboa em 1947, tendo aí colaborado não só nas missões de geografia à Guiné e à Índia, mas também, até ao seu falecimento, no ACPGU e na MGFHU como adjunto (Tenreiro, 1958). Tenreiro dedicou parte da sua vida científica ao estudo do arquipélago onde nascera e onde regressara entre 1956 e 1958 por ocasião da preparação do seu doutoramento, que incidiu na articulação das características biofísicas e humanas na ilha de São Tomé (Tenreiro, 1961a, 1961b). Em resultado da sua morte prematura, anterior à fundação da *Finisterra*, Tenreiro não chegaria a assinar nenhum trabalho nesta revista. Segundo, Raquel Soeiro de Brito, no mesmo ano em que apresentou uma monografia de doutoramento sobre a ilha de São Miguel, iniciou sucessivas pesquisas em vários territórios tropicais. Adjunta das missões científicas à Índia, do ACPGU e da MGFHU, realizou, juntamente com Mariano Feio, inúmeros estágios de campo na «Índia Portuguesa» e, depois, em Macau e Timor-Leste (1970-1973), no âmbito da MGFHU (Brito, 1966a; Feio, 1979). Juntam-se, ainda, outras viagens à «África tropical», nomeadamente a Moçambique (1961-1964), São Tomé e Príncipe e Cabo Verde (1962) e Angola (1965 e 1968), e à «América tropical», ao Brasil (1956). Ainda assim, Soeiro de Brito apenas assina um artigo (Brito, 1970) e uma recensão (Brito, 1977) sobre regiões tropicais na *Finisterra*, ambos sobre Angola. Como vimos, a geógrafa privilegiou outras revistas científicas, como a revista *Geographica*, para publicar os resultados dos seus estudos de geografia humana sobre a análise dos processos de colonização e de emigração e sobre o *genres de vie* (modos de vida) das populações em contexto tropical, com destaque para as comunidades de pescadores e agricultores (Brito, 1956, 1960, 1965, 1966b, 1969, 1970).
- 34 Os resultados da análise bibliométrica permitiram ainda notar que, na transição para os anos 1970, o número de autores a publicar na *Finisterra* sobre regiões tropicais aumentou, sugerindo-se, assim, o advento de uma segunda geração de geógrafos, influenciada pela trajetória tropicalista seguida por Ilídio do Amaral, e que inclui, entre outros, Carlos Alberto Medeiros, Maria Eugénia Moreira e Isabel Marques Medeiros (n. 1939) (Alcoforado, 2017). Um ano após concluir a sua tese de licenciatura sobre a ilha açoriana do Corvo, Carlos Alberto Medeiros foi, a convite de Orlando Ribeiro, contratado como assistente em 1966, tendo quase-simultaneamente sido secretário da *Finisterra* (I. Medeiros, 2005). No entanto, o seu interesse pelas regiões tropicais cultivou-se com a realização de um estágio, entre 1968 e 1969, no *Centre d'Études de Géographie Tropicale* na Universidade de Bordéus – período durante o qual, além do seu orientador científico, Guy Lassère (1920-2001), terá interagido com «[outro] grande Mestre em assuntos tropicais Pierre Gourou» (C.A. Medeiros, 1972: 119) – que resultou na elaboração de uma tese de doutoramento sobre a plantação da cana-de-açúcar na ilha de Guadalupe em 1970 (C.A. Medeiros, 2001). Este marco estreou uma trajetória científica centrada na «África tropical», sobretudo em Angola, onde Medeiros acabaria por ocupar o cargo de assistente na Universidade de Luanda entre 1970 e 1974, e que se refletiu no aumento da sua produção científica na *Finisterra* entre 1968 e 1980, não só graças às recensões de obras de «Geografia tropical» africana (C.A. Medeiros, 1972, 1979), mas também devido aos estudos que relacionam o fracasso da colonização portuguesa com as vicissitudes do povoamento nas regiões tropicais, destacando-se,

pelo trabalho de campo realizado entre 1973 e 1974, a análise que dedicou à Baía dos Tigres (C.A. Medeiros, 1978; Figura 4), e que retomou, no âmbito do seu doutoramento em geografia humana, para o caso da colonização das Terras Altas da Huíla, em Angola (C.A. Medeiros, 1976; Brito, 1977). Desmotivado com as dificuldades inerentes à realização de trabalho de campo após a descolonização dos antigos territórios coloniais portugueses em África, Medeiros desfilou-se, no final dos anos 1970, do núcleo *Estudos de Geografia das Regiões Tropicais* do CEG-Ulisboa, chefiado por Ilídio do Amaral, e integrou o grupo de *Estudos de Geografia Humana e Regional*, dirigido por Orlando Ribeiro no mesmo Centro (Ramos, 2005). Desde então, o seu contributo para o estudo das regiões tropicais limitou-se a pouco mais de duas recensões de dissertações de doutoramento, estas já de natureza mais quantitativa, que articulavam os antecedentes político-económicos e históricos com a organização do povoamento em diferentes contextos espaciais de Moçambique (C.A. Medeiros, 1980a, 1988).

- 35 Maria Eugénia Moreira foi, também, uma das mais destacadas geógrafas da segunda geração de académicos associados à «Escola Geográfica de Lisboa» que se dedicou ao conhecimento sobre o «mundo tropical», tendo assinado na *Finisterra*, entre 1974 e 2005, 5 trabalhos dedicados ao estudo de processos climáticos e, sobretudo, geomorfológicos em Moçambique. A exclusividade do âmbito espacial da sua investigação relaciona-se com o contributo de Eugénia Moreira, juntamente com Maria Celeste Coelho e Maria Clara Mendes, na institucionalização dos cursos universitários de geografia na universidade de Lourenço Marques, onde exerceu funções de assistente e onde iniciou, em 1973, o seu doutoramento sobre a geomorfologia da bacia do rio Umbelúzi (I. Amaral, 1980), interrompido na sequência das convulsões políticas que ditaram o regresso de Eugénia Moreira a Lisboa em maio de 1974 e a sua integração no núcleo de estudos sobre regiões tropicais do CEG-Ulisboa (Sarmiento, 2019). Foi neste contexto que surgiu a sua primeira publicação na *Finisterra*, na qual explorava os elementos e os fatores climáticos responsáveis pela diferença climática registada na planície meridional de Moçambique e onde os atributos de natureza geomorfológica assumiam um destaque particular (Moreira, 1974). Nas publicações que Moreira assina na *Finisterra* desde os anos 1980, além dos sistemas litorais do sul de Moçambique permanecerem como objeto de estudo, foram favorecidas leituras geomorfológicas que permitiram, por um lado, avaliar a influência dos diferentes agentes morfogenéticos na evolução das formas de modelado cársico existentes nesses ambientes (Moreira, 1983a), caracterizar, por outro lado, a morfogénese do modelado fluvial de marmitas e oriçangas, estudadas por Ilídio do Amaral nos anos 1970, nos leitos rochosos das bacias dos rios moçambicanos (Moreira, 1999) e, por fim, compreender, através de leituras diacrónicas, sustentadas em trabalho de campo realizado entre 1970-1975 e 1999-2004, as possíveis relações causais entre a transgressão marinha e a diversidade biótica e abiótica no sistema litoral sul de Moçambique (Moreira, 2005).
- 36 Finalmente, Isabel Marques Medeiros constitui uma exceção entre os académicos da «Escola Geográfica de Lisboa» ao apresentar, ainda recentemente, um perfil científico de orientação tropical. Apesar do seu primeiro trabalho na *Finisterra* abordar a evolução da morfologia urbana e do perfil funcional da vila portuguesa de Arcos de Valdevez, em particular das funções comerciais e piscatórias (I. Medeiros, 1970), o interesse por estas problemáticas estendeu-se aos territórios tropicais aquando da preparação do seu doutoramento sobre a relação entre o processo de colonização e a evolução da indústria piscatória no sul de Angola (I. Medeiros, 1972). No entanto, embora tenha integrado uma das estruturas de apoio editorial da *Finisterra* entre 1986 e 2009, o contributo

científico de Isabel Medeiros para o estudo das regiões tropicais só ressurgiria no início dos anos 1990. Embora as temáticas relacionadas com a geografia urbana continuassem a predominar, é interessante observar que os trabalhos publicados são enquadrados por um contexto de profundo afastamento académico-científico dos estudos tradicionais de «geografia tropical» e por uma viragem epistemológica, onde o «colonial» se dilui, que se alinha com problemáticas relacionadas com a «tropicalidade da geografia», ou seja, com discursos de crítica ao colonialismo e às suas consequências no processo de desenvolvimento e que opõem «norte» e «sul» globais (Pimenta et al., 2011). Além da docência da unidade curricular de «Geografia das Regiões Tropicais», disciplina obrigatória da licenciatura em geografia nos anos 1980 e na qual já se incorporava um conteúdo crítico aos impactes do colonialismo, e da regência do seminário «Problemas de Desenvolvimento em África», onde havia espaço para abordar «a responsabilidade dos países ditos desenvolvidos e da ordem económica dominante na falência económica e social da África» (I. Medeiros, 1991: 404), constituem ainda exemplos dessa renovação epistemológica os trabalhos que examinam os conflitos sociopolíticos e as transformações registadas em alguns espaços urbanos africanos na sequência dos rápidos, e por vezes instáveis, processos de independência e de democratização (I. Medeiros, 1991, 1994, 2006, 2010) e, também, as análises dos processos de privatização e securitização das cidades africanas, fenómenos explicados com base «[n]o impacto desigual da globalização» (I. Medeiros, 2011: 67).

- 37 Merecem, ainda, nota de destaque um conjunto de geógrafos pertencentes à segunda geração da «Escola Geográfica de Lisboa» que, apesar dos baixos níveis de produção científica na *Finisterra*, publicaram alguns contributos sobre regiões tropicais nos anos 1970 e 1980. Por um lado, Maria Clara Mendes que, tendo publicado o seu único estudo na *Finisterra* sobre a hierarquia da rede urbana da então Suazilândia (Essuatíni) (Mendes, 1974a), manteve o interesse por temáticas urbanas em Angola (Mendes, 1974b) e Moçambique, tendo o seu doutoramento examinado a organização interna e funcional da então cidade colonial de Lourenço Marques, com recurso a uma abordagem quantitativa de dados recolhidos, no essencial, em 1973 e dos quais resultou a difusão de alguns trabalhos relacionados com a evolução da rede urbana moçambicana (Mendes, 1976, 1979). Por outro lado, Denise de Brum Ferreira (n. 1947) destacou-se pelos seus estudos de climatologia sinótica tropical, com 3 dos 21 manuscritos que assinou na *Finisterra* dedicados a compreender aspetos climáticos e hidrológicos das regiões tropicais. Destacam-se, neste contexto, a recensão de um conjunto de trabalhos que examinam a influência dos trópicos e dos oceanos tropicais no funcionamento do sistema climático global (Ferreira, 1982), o estudo acerca da influência da circulação atmosférica em altitude e, sobretudo, da ação dos anticiclones subtropicais na explicação da situação de seca na ilha cabo-verdiana de Santiago (Ferreira, 1987), e uma recensão dedicada à análise da variabilidade da monção chuvosa no subcontinente indiano e na África ocidental e da relação deste fenómeno com a circulação geral da atmosfera (Ferreira, 1990).

Estrutura intelectual do conhecimento geográfico sobre regiões tropicais: tendências e metamorfoses

- 38 Nas últimas décadas, a estrutura intelectual do conhecimento geográfico sobre regiões tropicais tem registado algumas reconfigurações nas principais áreas temáticas nas quais se inserem os manuscritos publicados na *Finisterra* (Quadro 2).
- 39 A produção científica dedicada ao «mundo tropical» tem revelado, desde a institucionalização da *Finisterra*, um predomínio de temáticas de geografia humana sobre as de geografia física. Apesar dos estudos de geomorfologia tropical figurarem como a área disciplinar com maior relevância editorial, representando 16.1% do número total de publicações, é de assinalar que têm prevalecido estudos de geografia humana, com destaque para o campo disciplinar da geografia urbana (14.3%), seguido de trabalhos que tratam problemáticas da geografia política/geopolítica (7.1%), geografia social e da população (8.3%), geografia económica (6.6%) e de políticas públicas e desenvolvimento regional/local (5.4%). Pelo contrário, os trabalhos nos domínios científicos da biogeografia (1.8%), geografia cultural (1.8%), geografia da saúde (1.8%) e história da cartografia (1.2%) constituem ainda um *corpus* temático pouco influente no volume de publicações dedicado ao «mundo tropical» na *Finisterra*.

Quadro 2: Número de manuscritos sobre as diversas regiões tropicais publicados na *Finisterra* – *Revista Portuguesa de Geografia*, por subárea disciplinar e década

	1966-1975	1976-1985	1986-1995	1996-2005	2006-2015	2016-2021	Total
Biogeografia	1	0	0	1	0	1	3
Cartografia e História da Cartografia	1	0	0	1	0	0	2
Climatologia e Hidro-climatologia	1	2	3	0	1	2	9
Geografia Cultural	0	0	0	0	0	3	3
Geografia da Saúde	0	0	0	0	0	3	3
Geografia do Desenvolvimento	0	0	2	2	0	2	6
Geografia do Espaço Rural	2	2	2	0	2	0	8
Geografia Económica	2	0	0	0	4	5	11

Agrícola e das Pescas	1	0	0	0	0	2	3
Industrial	1	0	0	0	1	0	2
Comércio, Serviços e Financeira	0	0	0	0	3	3	6
Geografia Histórica	0	4	0	0	1	0	5
Geografia Política/ Geopolítica	1	2	0	1	2	6	12
Geografia Regional	6	2	0	1	0	0	9
Geografia Social e da População	5	2	0	2	0	5	14
Geografia Urbana	6	5	3	2	3	5	24
Geomorfologia	10	10	2	2	1	2	27
Hidrologia e Gestão Sustentável dos Recursos	0	2	0	1	2	3	8
História da Geografia	0	0	0	6	0	2	8
Políticas Públicas e Desenvolvimento Regional e Local	0	1	0	2	2	4	9
Institucional	0	1	0	0	0	0	1
Elementos estatísticos e outros	4	2	0	0	0	0	6
Total	39	35	12	21	18	43	168

Foram publicados, a título póstumo, vários manuscritos assinados por Orlando Ribeiro que não foram considerados para a contextualização cronológica aqui apresentada, embora tenham sido integrados no volume total de produção científica. Além de duas notas assinadas e/ou traduzidas por Medeiros (Ribeiro, 2001 [1989]) e Daveau (Ribeiro, 2002 [1984]), o número 85 da *Finisterra*, editado em 2008, foi parcialmente dedicado a Ribeiro. Nessa edição, publicaram-se 5 manuscritos originais, datados ou retocados, na sua maioria, nos anos 1960 e 1970.

Elaboração própria

- 40 Não obstante a utilidade deste retrato, uma leitura dinâmica do volume de publicações por domínio disciplinar permitiu identificar um conjunto de ruturas e de continuidades na estrutura intelectual do conhecimento publicado na *Finisterra* sobre regiões tropicais. Primeiro, uma das tradicionais linhas de investigação do «mundo tropical», dedicada a estudos geomorfológicos, tem perdido o seu protagonismo. Notou-se que o interesse pelas questões da geomorfologia tropical foi particularmente significativo nos primeiros números da *Finisterra*, como atesta o facto de 74.1% do total de publicações desta área disciplinar datarem do período entre 1966 e 1985. Tal rutura é indissociável do desmantelamento das várias missões geográficas nos então territórios ultramarinos, na sequência dos processos de independência, e no âmbito das quais os estudos metódicos de geomorfologia assumiam uma posição de relevo na produção de conhecimento. Deste modo, a dificuldade ou mesmo impossibilidade de conduzir trabalho de campo nas recém-independentes colónias portuguesas em África resultou na erosão do programa de investigação em geomorfologia – então encabeçado por autores portugueses e franceses, que dominavam a linha editorial da *Finisterra*, e vocacionado para a análise da evolução das principais bacias hidrográficas – e das publicações daí decorrentes, incluindo teses de doutoramento (Daveau, 1966, 1967, 1985a; Feio, 1966, 1970, 1982; Michel, 1977; Moreira, 1983a). Mais recentemente, têm reforçado esta tendência de declínio dos estudos geomorfológicos o aumento no número de textos no domínio da hidrologia, enquanto área temática independente da geomorfologia, e a opção dos investigadores publicarem os seus resultados em revistas de ampla projeção internacional (Alcoforado et al., 2015; Barella et al., 2019; Zêzere et al., 2014). Atualmente, os poucos estudos de geomorfologia publicados na *Finisterra*, unicamente assinados por autores brasileiros, centram-se na análise dinâmica do sistema morfogénico marinho e dos fatores condicionantes dos processos de erosão na orla costeira das regiões sul e sueste do Brasil (Stellfeld et al., 2020; Firmino e Bulhões, 2020).
- 41 Outro aspeto a salientar na evolução da estrutura intelectual do conhecimento sobre regiões tropicais publicado na *Finisterra* relaciona-se com o desmoronamento dos projetos científicos nos domínios das geografias regional e do espaço rural. Por um lado, o volume de publicações de geografia regional que tratavam o «mundo tropical» teve o seu «período dourado» ainda durante a fase de institucionalização da *Finisterra*, durante a qual se editaram 6 dos 9 manuscritos nesta área disciplinar, o que reflete a prevalência dos paradigmas vidalianos, ligados à matriz possibilista da escola regional francesa, na *praxis* da geografia universitário-académica portuguesa até aos anos 1970 (Guerreiro, 1971; C.A. Medeiros, 1972; Vennetier, 1974) e que acabaram por orientar a linha editorial da *Finisterra*, então dirigida por Orlando Ribeiro (Ribeiro, 1966, 1967), Suzanne Daveau (Daveau, 1969) e Ilídio do Amaral. Neste contexto, é de registar que o único, e último, texto de «geografia regional tropical» publicado entre 1996 e 2005 foi firmado por Suzanne Daveau por ocasião da reedição da obra *A Água e o Homem na Várzea do Careiro*, fabricada e publicada ainda nos anos 1950 pelo geógrafo brasileiro Hilgard O'Reilly Sternberg (Daveau, 1998). Por outro lado, também os trabalhos de geografia do espaço rural passaram a figurar menos nas páginas da *Finisterra*, com 6 dos 8 manuscritos a serem publicados entre 1966 e 1990. Esta tendência de erosão intelectual justifica-se, uma vez mais, com a prevalência de uma natureza teórico-metodológica de inspiração francesa que favorecia o estudo descritivo do *habitat* das paisagens rurais e dos *genres de vie* das suas populações (Valverde, 1967, 1968).

- 42 Também os estudos de geografia social e da população sobre regiões tropicais registaram uma reconfiguração teórico-metodológica e analítica relevante. Embora o fluxo editorial neste domínio temático seja relativamente regular, representando 12.8% do total de publicações entre 1966 e 1975 e 11.6% entre 2016 e 2021, os primeiros trabalhos de geografia social e da população, produzidos ainda num contexto de colonialismo tardio, revelaram uma natureza hipotético-indutiva, sustentada em métodos etnográficos que consagravam a observação direta e prolongada para descrever os *genres de vie* e as relações instituídas entre as populações autóctones e o meio nos então territórios coloniais. Habitualmente ilustrados com inúmeras fotografias, seguindo a tradição vidaliana, constituem exemplos destes estudos os trabalhos conduzidos em Angola e assinados por colaboradores da «Escola Geográfica de Lisboa» nos anos 1960 e 1970, com destaque para os geógrafos Raquel Soeiro de Brito, que observou as comunidades pastoris e agropastoris do distrito de Moçâmedes (Brito, 1970), e Carlos Alberto Medeiros, que explorou o povoamento na Baía dos Tigres (C.A. Medeiros, 1978), e para os etnólogos Manuel Viegas Guerreiro (Guerreiro, 1966) e Joaquim Lino da Silva (Silva, 1975), que se ofereceram a examinar, respetivamente, a propriedade entre a sociedade boximane e as características da vida quotidiana, familiar e do espaço residencial do povo cuanhama. Em oposição, nos últimos anos, o aumento do volume de trabalhos sobre regiões tropicais neste domínio temático surge vinculado à incorporação de algumas abordagens pós-coloniais que pretendem, no essencial, desconstruir o legado ideológico-cultural do colonialismo e compreender o mundo contemporâneo a partir das relações verticais entre lugares mobilizando diálogos «centro/periferia» e «norte/sul» (Santos, 2008). Neste contexto, tem proliferado, na *Finisterra*, um conjunto importante de estudos que têm vindo a mobilizar a teoria social crítica para analisar, por exemplo, as estratégias de emancipação socioeconómica feminina (Varanda, 2019) e, sobretudo, para refletir sobre o aprofundamento das «injustiças socioespaciais», conceptualizadas enquanto uma idiosincrasia da «globalização perversa» (Castilho & Silva, 2020; Silva, 2020: 70). A partir destas metamorfoses epistemológicas, que têm conhecido um forte florescimento no «sul-global», pode-se ainda compreender o aumento registado, na última década, no número de textos na *Finisterra* que tratam problemáticas da geografia económica em regiões tropicais relacionadas com a internacionalização e liberalização dos sistemas produtivos e comerciais, seletividade espacial das estratégias gizadas por atores económicos globais e os efeitos da «nova ordem económica» na reprodução da marginalização e das desigualdades socioterritoriais. Vale notar que este conjunto de estudos tem mobilizado o *urbano* e o *metropolitano* como objeto e escala analíticos privilegiados, argumentando que as cidades constituem laboratórios para compreender os processos e transformações espaço-temporais da globalização (Limberger e Tulla, 2017; González-Alejo et al., 2019).
- 43 Apesar dos estudos urbanos persistirem, desde a institucionalização da *Finisterra*, como um dos domínios científicos da geografia humana com maior peso de textos dedicados ao «mundo tropical», verificaram-se também algumas mudanças na estrutura intelectual dessa produção. Por um lado, tal como noutras áreas disciplinares com uma longa tradição editorial na *Finisterra*, a referência espacial dos manuscritos deslocou-se, nas últimas décadas, da África subsariana, em geral, e do antigo «Ultramar português», em particular, para os países da América Latina, com destaque para o Brasil, evolução justificada pela incorporação dos debates académicos destas geografias na trajetória científica recente da revista. Por outro lado, os primeiros estudos – todos assinados por

colaboradores da «Escola Geográfica de Lisboa», com destaque para Ilídio do Amaral (I. Amaral, 1966, 1969, 1971, 1978, 1983) e, mais tarde, Isabel Medeiros (I. Medeiros, 1994, 2006) – que se focavam na génese e evolução das cidades africanas e, depois, nos seus principais problemas foram substituídos, na última década, por leituras críticas dos processos de produção e transformação dos espaços urbanos e as suas implicações para a estrutura territorial, económica e social das cidades brasileiras. Estas abordagens têm sido analiticamente enquadradas por uma crítica à viragem empreendedora e neoliberal das políticas e formas de governança urbanas (I. Medeiros, 2011; Penna, 2012; Molina, 2016). Em resultado destas novas leituras, tem-se registado, também na última década, um aumento assinalável no volume de produção científica sobre regiões tropicais que tratam problemáticas relacionadas com geografia política e geopolítica. Destacam-se, por exemplo, debates académicos centrados nas representações e conflitos políticos e ambientais no «sul-global» (Iturra, 2018; González e Álvarez, 2019) e nos movimentos sociais urbanos e rurais de resistência aos processos hegemónicos de estruturação do espaço geográfico na «América tropical» (Bogado, 2020; Souza & Faria, 2020).

Discussão e considerações finais

- 44 Este artigo examinou a produção científica do conhecimento geográfico sobre regiões tropicais publicado na *Finisterra* entre 1966 e 2021. Neste estudo bibliométrico, caracterizaram-se os ritmos espaço-temporais dessa produção, discutiram-se os principais contributos científicos introduzidos por duas gerações de académicos e debateram-se as tendências e as renovações epistemológicas e temáticas registadas na estrutura intelectual do conhecimento geográfico dedicado ao «mundo tropical». Os resultados obtidos contribuem, por um lado, para refletir sobre o papel das infraestruturas informacionais, sobretudo das revistas académicas, para a circulação do conhecimento científico entre comunidades epistémicas. Por outro lado, contribuem ainda para divulgar uma «história alternativa» e complementar àquelas que têm prevalecido nos diálogos académico-institucionais sobre regiões tropicais ao atribuir protagonismo a uma das mais destacadas revistas académicas de geografia em Portugal e cuja trajetória científica conferiu identidade ao espaço científico-pedagógico da «Escola Geográfica de Lisboa». Desta análise, emergem quatro contributos principais.
- 45 O primeiro contributo resulta da irregularidade dos ritmos de produção científica sobre regiões tropicais registada ao longo da trajetória científica da *Finisterra* nos últimos 55 anos. A análise sugeriu que um dos maiores volumes de trabalhos dedicado às regiões tropicais nesta revista coincidiu com a sua fase de institucionalização (1966-1975) e prolongou-se até 1985, embora o trabalho de campo que sustenta as investigações empíricas publicadas neste último período remonte, na maioria dos estudos, aos anos 1960 e primeira metade de 1970, ou seja, antes da «era de descolonização» dos então antigos territórios portugueses em África. A evolução da produção científica revela, no essencial, a centralidade (ou dependência) dos mecanismos de financiamento público e das mudanças nos contextos político-ideológicos, geopolíticos e institucionais como garante da viabilidade operacional da investigação portuguesa naquele período, como bem ilustram as missões geográficas ao então «Portugal ultramarino» e a produção científica delas resultante. Como se demonstrou, a falência do programa de investigação da «Escola Geográfica de Lisboa» em regiões tropicais – fortemente

orientado para a condução de estudos geomorfológicos de bacias hidrográficas, com destaque para os estudos de Mariano Feio e Ilídio do Amaral, e para reflexões sobre a origem, gênese e crescimento urbano das cidades coloniais, realçando-se, uma vez mais, os estudos do destacado «mestre» em regiões tropicais portuguesas, Ilídio do Amaral – coincidiu com o dismantelamento dos mecanismos institucionais (ACPGU, MEGFU e MGFHU) que pretendiam promover o conhecimento dos territórios coloniais portugueses e cuja missão ficou comprometida na sequência dos processos de democratização e independência dos países que antes integravam o «Ulamar português».

- 46 Uma segunda conclusão, relacionada com a anterior, deriva da reconfiguração das espacialidades representadas na produção científica sobre regiões tropicais publicada na *Finisterra*. Apesar de se manter «como uma janela para o mundo» (Ribeiro, 1966a: 5), a linha editorial da *Finisterra* esteve, nas primeiras três décadas da sua existência, associada à identidade tropicalista que dominava no espaço científico-pedagógico da «Escola Geográfica de Lisboa» e para a qual contribuíram os trabalhos assinados por académicos portugueses, maioritariamente integrados no CEG-ULisboa, ou franceses. No entanto, durante o último decénio, a produção científica sobre regiões tropicais publicada na *Finisterra* apontou para uma progressiva revalorização das problemáticas relacionadas com o «mundo tropical», situação que, ainda assim, não deve ser interpretada como um retorno ou revisionismo das práticas e dos discursos consagrados pela produção científica sobre regiões tropicais do penúltimo quartel do século XX por autores como Ilídio do Amaral, Suzanne Daveau ou Carlos Alberto Medeiros, mas decorre da crescente incorporação dos debates académicos provenientes da América Latina, em geral, e do Brasil, em particular, no fluxo editorial da *Finisterra*. Tal recomposição das espacialidades representadas nos trabalhos publicados na *Finisterra* sobre regiões tropicais nas últimas décadas, quer em termos de autoria, quer em termos do âmbito espacial dos textos, sugere uma tendência de crescente dissociação entre as publicações editadas na *Finisterra* e o conhecimento geográfico produzido pelos geógrafos associados à «Escola Geográfica de Lisboa», na medida em que a produção científica aí publicada sobre o «mundo tropical» é representada, na sua maioria, por investigadores com afiliação institucional nesses territórios, situação que se distancia do elevado volume de trabalhos assinados por investigadores portugueses integrados na «Escola Geográfica de Lisboa» que conduziam as suas investigações nos então territórios ultramarinos e que disseminavam os resultados dessas expedições em particular nas primeiras três décadas de existência dessa mesma revista. A reconfiguração das espacialidades parece resultar, também, da crescente internacionalização da revista *Finisterra* e da alteração do paradigma de avaliação científica.
- 47 O terceiro contributo deste artigo demonstra a importância de se considerarem as revistas académicas enquanto plataformas e repositórios de conhecimento científico privilegiados para entender a renovação epistemológica e temática de uma determinada comunidade epistémica. Este estudo bibliométrico permitiu distinguir dois paradigmas que, em diferentes momentos da trajetória científica da revista, caracterizaram a sua produção científica sobre regiões tropicais. Numa primeira fase, compreendida entre os anos 1960 e 1980, predominaram, além dos trabalhos de geografia urbana na África subsariana assinados por Ilídio do Amaral, os estudos inseridos nos domínios temáticos da geografia regional, publicados maioritariamente por Orlando Ribeiro e Suzanne Daveau, e de geografia social e da população, com

destaque para os contributos de Raquel Soeiro de Brito e Carlos Alberto Medeiros. Nesta fase, a linha editorial da *Finisterra*, então dirigida por Orlando Ribeiro, Suzanne Daveau e Ilídio do Amaral – três dos mais destacados geógrafos que integraram a primeira geração de académicos dedicados ao «mundo tropical» na «Escola Geográfica de Lisboa» –, acompanhava a matriz possibilista da escola regional francesa, corrente que prevalecia nos estudos sobre regiões tropicais então realizados. Num segundo momento, iniciado no final dos anos 1980 e consolidado nos últimos anos, assistiu-se a uma reconfiguração epistemológica nos estudos sobre regiões tropicais publicados na *Finisterra* que, em detrimento das abordagens de «geografia tropical» de influência vidaliana, passou a valorizar problemáticas relacionadas com a «tropicalidade da geografia», ou seja, concordantes com a mobilização dos discursos e práticas relativas ao desenvolvimento desigual e à crítica colonial, com alguma incorporação de análises pós-coloniais, como lentes teórico-analíticas para refletir sobre os processos e transformações assimétricas do mundo contemporâneo. Em resultado desta transição não só foi possível identificar, a partir dos anos 1980 e 1990, um conjunto de mudanças semânticas na produção científica de alguns académicos com uma vasta obra dedicada às regiões tropicais, mas também se distinguiram reconfigurações no domínio disciplinar dessa produção, destacando-se o surgimento de um elevado volume de publicações integrados nos domínios temáticos da geografia política/geopolítica, geografia urbana e geografia económica.

- 48 O quarto e último contributo sublinha a necessidade de se conduzirem investigações futuras que reúnam leituras e diálogos mais abrangentes que permitam conhecer não só os principais agentes e redes de colaboração responsáveis pela institucionalização académico-universitária das problemáticas sobre o «mundo tropical» na geografia portuguesa, mas também compreender, através de abordagens comparativas, o contributo desempenhado por outras infraestruturas informacionais, em diferentes fases, para a circulação do conhecimento geográfico produzido sobre regiões tropicais. Por um lado, apesar deste estudo ter analisado a produção científica da *Finisterra*, ficou claro o contributo de outras revistas como a *Garcia de Orta* e a *Geographica* para circulação do conhecimento geográfico produzido sobre o «mundo tropical», pelo que importa integrar essas revistas, bem como outras infraestruturas informacionais, nomeadamente teses e conferências internacionais, em futuras análises. Por outro lado, embora comecem a florescer alguns estudos geográficos de natureza biobibliográfica (Oliveira, 2017; Sarmiento, 2019), permanecem por descobrir as trajetórias científicas individuais de alguns académicos da «Escola Geográfica de Lisboa» que estabeleceram uma proximidade intelectual com o «mundo tropical». Por fim, estudos subsequentes devem ampliar a abordagem metodológica aqui desenvolvida. A utilização de métricas de influência do conhecimento científico (i.e., citações), a opção por análises de redes de colaboração institucional ou por métodos de acoplamento bibliográfico são exemplos de opções metodológicas que permitiriam esboçar um retrato mais completo e dinâmico sobre a evolução do conhecimento geográfico produzido sobre regiões tropicais.

BIBLIOGRAFIA

- Alcoforado, Maria João (2017). Ilídio do Amaral (1924-2017): fundador, colaborador e amigo da Finisterra. *Finisterra*, v. 52, n. 105, pp. 165-173. <https://doi.org/10.18055/Finis12264>
- Alcoforado, Maria João; Alegria, Maria Fernanda; Queirós, Margarida; Garcia, Ricardo; Morgado, Paulo; Vieira, Rute (2015). Finisterra. Biografia de uma revista de geografia (1966-2015). *Finisterra*, v. 50, n. 100, pp. 9-33. <https://doi.org/10.18055/Finis7858>
- Alves, Teresa (1986). A evolução do emprego terciário em França. *Finisterra*, v. 21, n. 42, pp. 363-368. <https://doi.org/10.18055/Finis2033>
- Amaral, Ana (1999). Ilídio do Amaral. Notas curriculares resumidas. *Finisterra*, v. 34, n. 67-68, pp. 11-19. <https://doi.org/10.18055/Finis1680>
- Amaral, Ilídio do (1964). *Santiago de Cabo Verde. A Terra e os Homens*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Amaral, Ilídio do (1966). Johannesburg, do campo mineiro à conurbação. *Finisterra*, v. 1, n. 2, pp. 240-256. <https://doi.org/10.18055/Finis2547>
- Amaral, Ilídio do (1967). Litoral da ilha de Santiago (Cabo Verde), na área da Praia. *Finisterra*, v. 2, n. 4, pp. 292-293. <https://doi.org/10.18055/Finis2531>
- Amaral, Ilídio do (1968). *Luanda. Estudo de Geografia Urbana*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Amaral, Ilídio do (1969). Beira, cidade e porto do Índico. *Finisterra*, v. 4, n. 7, pp. 76-93. <https://doi.org/10.18055/Finis2492>
- Amaral, Ilídio do (1971). Notas acerca do estudo das cidades da África ao sul do Sara. *Finisterra*, v. 6, n. 11, pp. 152-155. <https://doi.org/10.18055/Finis2438>
- Amaral, Ilídio do (1973a). Formas de «Inselberge» (ou montes-ilha) e de meteorização superficial e profunda em rochas graníticas do deserto de Moçâmedes (Angola), na margem direita do rio Curoca. *Garcia de Orta: Série de Geografia*, v. 1, n. 1, pp. 1-34.
- Amaral, Ilídio do (1973b). Contribuição para o conhecimento do Karst ou carso de Nova Caipemba, no noroeste de Angola. *Garcia de Orta: Série de Geografia*, v. 1, n. 2, pp. 1-28.
- Amaral, Ilídio do (1974a). Alguns aspectos geomorfológicos do litoral da Ilha de Santiago (Arquipélago de Cabo Verde). *Garcia de Orta: Série de Geografia*, v. 2, n. 1, pp. 19-28.
- Amaral, Ilídio do (1974b). A propósito de formas escavadas em leitos fluviais e em vertentes de rochas graníticas no deserto Moçâmedes (Angola). *Garcia de Orta: Série de Geografia*, v. 2, n. 1, pp. 1-18.
- Amaral, Ilídio do (1978). Contribuição para o conhecimento do fenómeno de urbanização em Angola. *Finisterra*, v. 13, n. 25, pp. 43-76. <https://doi.org/10.18055/Finis2258>
- Amaral, Ilídio do (1979). *A «Escola geográfica de Lisboa» e a sua contribuição para o conhecimento geográfico das Regiões Tropicais*. 1. ed. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- Amaral, Ilídio do (1980). A bacia do rio Umbelúzi (Moçambique). Estudo Geomorfológico. *Finisterra*, v. 15, n. 30, pp. 276-280. <https://doi.org/10.18055/Finis2208>

- Amaral, Ilídio do (1983a). Da Comissão de Cartografia (1883) ao Instituto de Investigação Científica Tropical (1983). *Finisterra*, v. 18, n. 36, pp. 327-331. <https://doi.org/10.18055/Finis2102>
- Amaral, Ilídio do (1983b). Luanda e os seus “muceques”, problemas de Geografia Urbana. *Finisterra* v. 18, n. 36, pp. 293-325. <https://doi.org/10.18055/Finis2101>
- Amaral, Ilídio do (1983c). Publicações recentes sobre Geomorfologia das regiões tropicais. *Finisterra*, v. 18, n. 36, pp. 389-392. <https://doi.org/10.18055/Finis2107>
- Amaral, Ilídio do (1985a). Notas bibliográficas sobre as cidades do “Terceiro Mundo”. *Finisterra*, v. 20, n. 39, pp. 163-172. <https://doi.org/10.18055/Finis2073>
- Amaral, Ilídio do (1985b). Notas bibliográficas sobre as cidades do Terceiro Mundo (II). *Finisterra*, v. 20, n. 40, pp. 368-373. <https://doi.org/10.18055/Finis2063>
- Amaral, Ilídio do (1986). Atlas económico da Bélgica, com base no valor acrescentado. *Finisterra*, v. 21, n. 42, pp. 344-347. <https://doi.org/10.18055/Finis2029>
- Amaral, Ilídio do (1987). Notas bibliográficas sobre as cidades do terceiro mundo (III). *Finisterra*, v. 22, n. 44, pp. 361-370. <https://doi.org/10.18055/Finis2002>
- Amaral, Ilídio do (2001). *Finisterra*. Uma revista com 35 anos de prestígio científico. *Finisterra*, v. 36, n. 72, pp. 11-25. <https://doi.org/10.18055/Finis1618>
- Amaral, Ilídio do (2006). O Rio Cambongo-Negunza e os seus afluentes: um exemplo da complexidade de padrões de drenagem em Angola. *Finisterra*, v. 41, n. 82, pp. 15-48. <https://doi.org/10.18055/Finis1447>
- Barella, César Falcão; Sobreira, Frederico Garcia; Zêzere, José Luís (2019). A comparative analysis of statistical landslide susceptibility mapping in the southeast region of Minas Gerais state, Brazil. *Bulletin of Engineering Geology and the Environment*, v. 78, pp. 3205-3221. <https://doi.org/10.1007/s10064-018-1341-3>
- Bogado, Diana (2021). Memória popular: dispositivo de luta pelo direito à habitação: os casos da comunidade Vila Autódromo (Rio de Janeiro) e Bairro 6 de maio (Amadora). *Finisterra*, v. 55, n. 114, pp. 127-140. <https://doi.org/10.18055/Finis19481>
- Brito, Raquel Soeiro de (1956). Notas para o estudo dos modos de vida em Goa. *Garcia de Orta: Revista das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar*, número especial, pp. 183-202.
- Brito, Raquel Soeiro de (1960). *Agricultores e pescadores portugueses na cidade do Rio de Janeiro (estudo comparativo)*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Brito, Raquel Soeiro de (1965). Aspectos da vida marítima de Macau. *Geographica: Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*, v. 1, n. 1, 60-79.
- Brito, Raquel Soeiro de (1966a). *Goa e as Praças do Norte*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Brito, Raquel Soeiro de (1966b). “Guiné, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Alguns aspectos da terra e dos homens”. In *Guiné, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Curso de extensão universitária. Ano lectivo de 1965-1966*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina, pp. 13-46.
- Brito, Raquel Soeiro de (1969). Imigrantes na vida rural brasileira. *Geographica: Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*, v. 5, n. 17, 3-24.
- Brito, Raquel Soeiro de (1970). Nótula acerca dos povos pastores e agro-pastores do distrito de Moçamedes. *Finisterra*, v. 5, n. 9, pp. 69-83. <https://doi.org/10.18055/Finis2471>

- Brito, Raquel Soeiro de (1971). S. Tomé e Príncipe: esboço de um estudo regional. *Geographica: Revista da Sociedade de Geografia*, v. 7, n. 25, pp. 2-26.
- Brito, Raquel Soeiro de (1977). Acerca da colonização das Terras Altas da Huíla (Angola). *Finisterra*, v. 12, n. 24, pp. 298-309. <https://doi.org/10.18055/Finis2276>
- Castilho, Cláudio; Silva, Katielle (2021). Injustiças socioespaciais e Covid-19 em Recife (Brasil). *Finisterra*, v. 55, n. 115, pp. 97-103. <https://doi.org/10.18055/Finis20290>
- Clayton, Daniel (2020). The Passing of “Geography’s Empire” and Question of Geography in Decolonization, 1945-1980. *Annals of American Association of Geographers*, v. 110, n. 5, pp. 1540-1558. <https://doi.org/10.1080/24694452.2020.1715194>
- Correia, Ezequiel; Costa, Fernando (1995). Breve notícia da erupção na ilha do Fogo e suas consequências. *Finisterra*, v. 30, n. 59-60, pp. 165-175. <https://doi.org/10.18055/Finis1821>
- Daveau, Suzanne (1966). Les rebords de plateaux gréseux d’Afrique occidentale et leur occupation humaine. *Finisterra*, v. 1, n. 2, pp. 149-187. <https://doi.org/10.18055/Finis2545>
- Daveau, Suzanne (1967). Problèmes morphologiques comparés des régions semi-arides en Afrique Occidentale et au Brésil. *Finisterra*, v. 2, n. 4, pp. 153-173. <https://doi.org/10.18055/Finis2521>
- Daveau, Suzanne (1985a). Le relief du sud-ouest de l’ Angola selon Mariano Feio. *Finisterra*, v. 20, n. 39, pp. 134-138. <https://doi.org/10.18055/Finis2068>
- Daveau, Suzanne (1988). Nótula sobre aspectos recentes e actuais da erosão fluvial na ilha de Santo Antão. *Finisterra*, v. 23, n. 46, pp. 287-301 <https://doi.org/10.18055/Finis1978>
- Daveau, Suzanne (1998). A Água e o Homem na Amazônia. *Finisterra*, v. 33, n. 66, pp. 159-160. <https://doi.org/10.18055/Finis1712>
- Daveau, Suzanne (2002). A obra geográfica de Mariano Feio. *Finisterra*, v. 37, n. 73, pp. 101-107. <https://doi.org/10.18055/Finis1610>
- Daveau, Suzanne. (1985b). Um atlas climatológico da África tropical. *Finisterra*, v. 20, n. 39, pp. 142-145. <https://doi.org/10.18055/Finis2070>
- De Martonne, Emanuel (1946). Géographie Zonale. La Zone Tropicale. *Annales de Géographie*, n. 247, pp. 1-18.
- Fehder, Daniel; Murray, Fiona; Stern, Scott (2014). Intellectual Property Rights and The Evolution of Scientific Journals as Knowledge Platforms. *International Journal of Industrial Organization*, v. 36, pp. 83-94. [10.1016/j.ijindorg.2014.08.002](https://doi.org/10.1016/j.ijindorg.2014.08.002).
- Feio, Mariano (1956). Problemas da geomorfologia de Goa. *Garcia de Orta: Revista das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar*, número especial, pp. 39-78.
- Feio, Mariano (1964). A evolução da escadaria de aplanções do sudoeste de Angola. *Garcia de Orta: Revista das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar*, v. 12, n. 2, pp. 323-354.
- Feio, Mariano (1966). A evolução do relevo da bacia endorreica do Cuanhama (Angola). *Finisterra*, v. 1, n. 1, pp. 33-59. <https://doi.org/10.18055/Finis2555>
- Feio, Mariano (1970). O Rio Cunene. Estudo geomorfológico. *Finisterra*, v. 5, n. 9, pp. 5-68. <https://doi.org/10.18055/Finis2470>
- Feio, Mariano (1979). *As castas hindus de Goa*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar.

- Feio, Mariano (1982). O curso subterrâneo do rio Negunza (Angola). *Finisterra*, v. 17, n. 33, pp. 153-201. <https://doi.org/10.18055/Finis2163>
- Ferreira, Denise de Brum (1982). A propos de quelques atlas récents sur les océans tropicaux. *Finisterra*, v. 17, n. 33, pp. 190-195. <https://doi.org/10.18055/Finis2169>
- Ferreira, Denise de Brum (1987). La crise climatique actuelle dans l'archipel du Cap Vert. Quelques aspects du problème dans l'île de Santiago. *Finisterra*, v. 22, n. 43, pp. 113-152. <https://doi.org/10.18055/Finis2014>
- Ferreira, Denise de Brum (1990). Estudo comparado da monção chuvosa indiana e africana. *Finisterra*, v. 50, n. 50, pp. 353-358. <https://doi.org/10.18055/Finis1926>
- Ferretti, Federico (2021). Other radical geographies: tropicity and decolonisation in twentieth-century French geography. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 46, n. 3, pp. 540-554. <https://doi.org/10.1111/tran.12438>
- Firmino, Luana; Bulhões, Eduardo (2020). Aspectos das ondas oceânicas em áreas de erosão costeira. Litoral do Espírito Santo, Brasil. *Finisterra*, v. 55, n. 113, pp. 23-44. <https://doi.org/10.18055/Finis13499>
- Garcia, João Carlos (1997). Suzanne Daveau. Vida e obra geográfica. *Finisterra*, v. 32, n. 63, pp. 11-44. <https://doi.org/10.18055/Finis1769>
- Garcia, João Carlos (1998). Orlando Ribeiro (1911-1997): o Mundo à sua procura. *Revista da Faculdade de Letras - Geografia*, v. 14, pp. 107-116.
- Gaspar, Jorge (2017 [2014]). Elogio histórico do académico emérito Ilídio Melo Peres do Amaral, feito pelo senhor Jorge Manuel Barbosa Gaspar. *Finisterra*, v. 52, n. 105, pp. 147-164. <https://doi.org/10.18055/Finis12231>
- González, César; Álvarez, Daniel (2019). La construcción de los conceptos de la “Sur-Alteridad” y la geopolítica en el Caribe. *Finisterra*, v. 54, n. 111, pp. 119-132. <https://doi.org/10.18055/Finis16030>
- González-Alejo, Ana; Frejomil, Enrique; Rosales-Tapia, Ana (2019). Spatial patterns of access to retail food outlets in Mexico City. *Finisterra*, v. 54, n. 111, pp. 133-152. <https://doi.org/10.18055/Finis16456>
- Gourou, Pierre (1947). *Les Pays Tropicaux*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Guerreiro, Manuel Viegas (1966). A propriedade entre Bochimanes. *Finisterra*, v. 1, n. 1, pp. 91-98. <https://doi.org/10.18055/Finis2557>
- Guerreiro, Manuel Viegas (1971). Vida humana no deserto de Namibe: Onguaia. *Finisterra*, v. 6, n. 11, pp. 84-124. <https://doi.org/10.18055/Finis2433>
- Havik, Philip; Daveau, Suzanne (2011). *Orlando Ribeiro - Guiné 1947. Cadernos de Campo*. Ribeirão: Edições Humus.
- Iturra, Karen (2018). Colombia - Nicaragua. Aspectos históricos y geopolíticos de un fallo de la Corte Internacional de Justicia. *Finisterra*, v. 53, n. 107, pp. 141-158. <https://doi.org/10.18055/Finis10328>
- Lautensach, Hermann; Feio, Mariano (1948). *Bibliografia geografia de Portugal*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

- Limberger, Sílvia; Tulla, Antoni (2017). A emergência de microcervejarias diante da oligopolização do setor cervejeiro (Brasil e Espanha). *Finisterra*, v. 52, n. 105, pp. 93-110. <https://doi.org/10.18055/Finis10404>
- Machado, Thiago; Carmo, André; Malheiros, Jorge (2019). “À procura de Milton Santos: notas sobre o intercâmbio e a influência na Escola de Geografia de Lisboa” In: Oliveira, Francisco Roque de e Paiva, Daniel (Eds.), *Saberes geográficos e Geografia institucional: relações luso-brasileiras no século XX*. 1. ed. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, pp. 141-164.
- Medeiros, Carlos Alberto (1972). Uma nova geografia de África: Pierre Gourrou. *Finisterra*, v. 7, n. 13, pp. 119-126. <https://doi.org/10.18055/Finis2415>
- Medeiros, Carlos Alberto (1976). *A Colonização das Terras Altas da Huíla (Angola) – Estudo de Geografia Humana*. 1. ed. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- Medeiros, Carlos Alberto (1978). Nota sobre o povoamento da Baía dos Tigres. *Finisterra*, v. 13, n. 25, pp. 120-128. <https://doi.org/10.18055/Finis2263>
- Medeiros, Carlos Alberto (1979). Dois livros sobre a história recente da Angola. *Finisterra*, v. 14, n. 27, pp. 87-96. <https://doi.org/10.18055/Finis2241>
- Medeiros, Carlos Alberto (1980a). Maputo antes da independência - Geografia de uma cidade colonial. *Finisterra*, v. 15, n. 30, pp. 280-287. <https://doi.org/10.18055/Finis2209>
- Medeiros, Carlos Alberto (1980b). Os dois primeiros colóquios ibéricos de Geografia – Salamanca (1979), Lisboa (1980). *Finisterra*, v. 15, n. 30, pp. 261-266. <https://doi.org/10.18055/Finis2206>
- Medeiros, Carlos Alberto (1988). Aldeias comunais em Moçambique. *Finisterra*, v. 24, n. 48, pp. 336-340. <https://doi.org/10.18055/Finis1955>
- Medeiros, Carlos Alberto (2001). Pierre Gourou (1900-1999). *Finisterra*, v. 36, n. 71. <https://doi.org/10.18055/Finis1646>
- Medeiros, Isabel (1970). Arcos de Valdevez. Estudo de Geografia Urbana de uma vila do Alto Minho. *Finisterra*, v. 5, n. 10. <https://doi.org/10.18055/Finis2441>
- Medeiros, Isabel (1972). Apontamentos sobre a pesca e a evolução da indústria piscatória em Angola. *Finisterra*, v. 7, n. 13, pp. 29-45. <https://doi.org/10.18055/Finis2410>
- Medeiros, Isabel (1991). Acerca da democracia em África. *Finisterra*, v. 26, n. 52, pp. 397-405. <https://doi.org/10.18055/Finis1900>
- Medeiros, Isabel (1994). Nota sobre a evolução do espaço urbano de Maseru, capital do Lesoto. *Finisterra*, v. 29, n. 58, pp. 287-311. <https://doi.org/10.18055/Finis1835>
- Medeiros, Isabel (2005). Carlos Alberto Medeiros. Apontamento curricular. *Finisterra*, v. 40, n. 79, pp. 11-26. <https://doi.org/10.18055/Finis1487>
- Medeiros, Isabel (2006). Tendências recentes da urbanização na África ao sul do Sahara: notas de leitura. *Finisterra*, v. 41, n. 81, pp. 191-203. <https://doi.org/10.18055/Finis1468>
- Medeiros, Isabel (2010). Serão explicáveis os conflitos violentos em África? Notas de leitura. *Finisterra*, v. 45, n. 89, pp. 181-204. <https://doi.org/10.18055/Finis1359>
- Medeiros, Isabel (2011). Impactos socio-espaciais da privatização da segurança nas cidades africanas. *Finisterra*, v. 46, n. 92, pp. 67-76. <https://doi.org/10.18055/Finis1311>
- Mendes, Maria Clara (1974a). Aspectos geográficos da rede urbana da Suazilândia. *Finisterra*, v. 9, n. 17, pp. 28-50. <https://doi.org/10.18055/Finis2374>

- Mendes, Maria Clara (1974b). Gabela. Estudo geográfico de uma pequena cidade de Angola. *Garcia de Orta: Série de Geografia*, v. 2, n. 1, pp. 29-60.
- Mendes, Maria Clara (1976). *Variação espacial da densidade de população urbana em Lourenço Marques*. 1. ed. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- Mendes, Maria Clara (1979). *Maputo antes da independência: geografia de uma cidade colonial*. 1. ed. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- Michel, Pierre (1977). L'évolution géomorphologique de la Mauritanie méridionale et centrale. *Finisterra*, v. 12, n. 23, pp. 5-27. <https://doi.org/10.18055/Finis2280>
- Molina, Fabio (2016). A produção da “Paris dos trópicos” e os megaeventos no Rio de Janeiro no início do século XX. *Finisterra*, v. 51, n. 102, pp. 25-45. <https://doi.org/10.18055/Finis3816>
- Moreira, Maria Eugénia (1974). As modificações do clima de Lourenço Marques. *Finisterra*, v. 9, n. 18, pp. 212-244. <https://doi.org/10.18055/Finis2358>
- Moreira, Maria Eugénia (1983a). Modelado cársico das arribas e plataformas de abrasão-corrosão, no litoral de Moçambique. *Finisterra*, v. 18, n. 36, pp. 223-291. <https://doi.org/10.18055/Finis2100>
- Moreira, Maria Eugénia (1983b). Aplicação da transformada de Fourier ao tratamento das imagens, com exemplos de áreas de Moçambique e em Portugal. *Finisterra*, v. 18, n. 36, pp. 333-349. <https://doi.org/10.18055/Finis2103>
- Moreira, Maria Eugénia (1999). Formas de modelado nos leitos rochosos dos rios no Sul de Moçambique. *Finisterra*, v. 34, n. 67/68, pp. 57-70. <https://doi.org/10.18055/Finis1685>
- Moreira, Maria Eugénia (2005). A dinâmica dos sistemas litorais do Sul de Moçambique durante os últimos 30 anos. *Finisterra*, v. 40, n. 79, pp. 121-135. <https://doi.org/10.18055/Finis1495>
- Oliveira, Francisco Roque de (2017). Ilídio do Amaral (1926-2017): uma vasta obra dedicada à geografia das regiões tropicais. *Finisterra*, v. 52, n. 106, pp. 149-158. <https://doi.org/10.18055/Finis12097>
- Oliveira, Francisco Roque de (2019). El México de Orlando Ribeiro: cuaderno de campo, fotografías y textos relativos a la Conferencia Regional Latinoamericana de la Unión Geográfica Internacional de 1966. *Investigaciones Geográficas*, v. 100. doi:10.14350/rig.60018
- Ollier, Cliff (1983). Tropical Geomorphology and long-term landscape evolution. *Finisterra*, v. 18, n. 36, pp. 203-221. <https://doi.org/10.18055/Finis2099>
- Ollier, Cliff (1985). Tropical rivers and geomorphology. *Finisterra*, v. 20, n. 40, pp. 273-276. <https://doi.org/10.18055/Finis2055>
- Ouma, Stefan (2022). Navigating the landscape of defiant scholarship in and beyond Africa: On archives, bridges and dangers; A commentary on Patricia Daley and Amber Murrey's 'Defiant scholarship: Dismantling coloniality in contemporary African geographies'. *Singapore Journal of Tropical Geography*, v. 43, n. 2, pp. 180-185. <https://doi.org/10.1111/sjtg.12423>
- Paiva, Daniel; Lopes, Jonathan; Oliveira, Francisco Roque de (2019). “O Brasil e a Geografia brasileira nas revistas académicas portuguesas do século XX: produção, temas e redes” In: Oliveira, Francisco Roque de e Paiva, Daniel (Eds.), *Saberes geográficos e Geografia institucional: relações luso-brasileiras no século XX*. 1. ed. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, pp. 93-106.
- Paiva, Daniel; Oliveira, Francisco Roque de (2021). Luso-Brazilian Geographies? The making of epistemic communities in semi-peripheral academic human geography. *Progress in Human Geography*, v. 45, n. 3, pp. 489-512. <https://doi.org/10.1177/0309132520923062>

- Penna, N. (2012). Planejamento urbano e estratégias empreendedoras em Brasília. *Finisterra*, v. 47, n. 93, pp. 109-127. <https://doi.org/10.18055/Finis1300>
- Pimenta, José; Sarmiento, João; Azevedo, Ana de (2011), Lusotropicalism: Tropical geography under dictatorship, 1926–1974. *Singapore Journal of Tropical Geography*, v. 32, pp. 220-235. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9493.2011.00430.x>
- Power, Marcus; Sidaway, James (2004), The Degeneration of Tropical Geography. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 94, pp. 585-601. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8306.2004.00415.x>
- Ramos, Catarina (2005). Carlos Alberto Medeiros – O Professor: testemunho de uma discípula. *Finisterra*, v. 40, n. 79, 47-50. <https://doi.org/10.18055/Finis1491>
- Ribeiro, Orlando (1954). *A Ilha do Fogo e as suas erupções*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Ribeiro, Orlando (1956). A festa de São Francisco Xavier em Velha Goa. *Garcia de Orta: Revista das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar*, número especial, pp. 175-181.
- Ribeiro, Orlando (1961). Nota preliminar acerca do relevo de Angola entre-os-rios Zaire e Loge. *Garcia de Orta: Revista das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar*, v. 9, n. 3, pp. 509-514.
- Ribeiro, Orlando (1966a). Orientação. *Finisterra*, v. 1, n. 1, pp. 5-9 <https://doi.org/10.18055/Finis2553>
- Ribeiro, Orlando (1966b). Geografia do Brasil: Arol de Azevedo et alia,. *Finisterra*, v. 1, n. 1, pp. 119-125. <https://doi.org/10.18055/Finis2561>
- Ribeiro, Orlando (1967). Paisagens rurais da América tropical: ensaio de geografia comparada. *Finisterra*, v. 2, n. 3, pp. 39-76. <https://doi.org/10.18055/Finis2535>
- Ribeiro, Orlando (1970). Bochimanés de Angola: M. Viegas Guerreiro. *Finisterra*, v. 5, n. 9, pp. 130-138. <https://doi.org/10.18055/Finis2479>
- Ribeiro, Orlando (1973). La pensée géographique de Pierre Gourou. *Annales de Géographie*, n. 449, pp. 1-7
- Ribeiro, Orlando (1979). Uma dissertação sobre o relevo da Baixada da Guanabara. *Finisterra*, v. 14, n. 27, pp. 76-82. <https://doi.org/10.18055/Finis2239>
- Ribeiro, Orlando (2008 [1978]). Ao Conselho Científico de Geografia. *Finisterra*, v. 43, n. 85, pp. 115-120. <https://doi.org/10.18055/Finis1416>
- Robequain, Charles (1948). *L'Indochine Française*. Paris: Armand Colin.
- Santos, Boaventura de Sousa (2008). Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e de outro. *Travessias*, v. 6/7, pp. 15-36.
- Sarmiento, João (2019). Portuguese tropical geography and decolonization in Africa: the case of Mozambique. *Journal of Historical Geography*, v. 66, pp. 20-30. <https://doi.org/10.1016/j.jhig.2018.11.002>
- Sarmiento, João (2022). *Orlando Ribeiro – Cadernos de Campo. Angola 1960-1969*. 1. ed. Ribeirão: Edições Humus.
- Sarmiento, João; Brito-Henriques, Eduardo (2013). *Orlando Ribeiro – Cadernos de Campo, Moçambique 1960-1963*. 1. ed. Ribeirão: Edições Humus.

- Silva, Joaquim Lino da (1975). Habitat e aspectos vários da vida cuanhama: a casa. *Finisterra*, v. 10, n. 19, pp. 53-104. <https://doi.org/10.18055/Finis2321>
- Silva, Ricardo Gilson. (2021). Pandemia e desigualdades socioespaciais no Brasil: O caso de Manaus, Amazônia. *Finisterra*, v. 55, n. 115, pp. 61-68. <https://doi.org/10.18055/Finis20341>
- Souza, Mayara; Faria, José Ricardo (2021). Os sentidos da função social da propriedade na luta por habitação em Curitiba. *Finisterra*, v. 55, n. 114, pp. 157-172. <https://doi.org/10.18055/Finis19912>
- Sparkes, Andrew (2021). Making a Spectacle of Oneself in the Academy Using the H-Index: From Becoming an Artificial Person to Laughing at Absurdities. *Qualitative Inquiry*, v. 27, n. 8-9, pp. 1027-1039. <https://doi.org/10.1177/10778004211003519>
- Stamp, Dudley (1938). Land Utilization and Soil Erosion in Nigeria. *Geographical Review*, v. 28, n. 1, pp. 32-45. <https://doi.org/10.2307/210564>
- Stellfeld, Maria Carolina ; Paula, Eduardo Vedor; Passos, Everton. (2020). Escenarios predictivos del posicionamiento de la línea de costa de Matinhos – PR – Brasil: subsidios para la gestión costera. *Finisterra*, v. 55, n. 113, pp. 3-22. <https://doi.org/10.18055/Finis18639>
- Tenreiro, Francisco (1958). *Bibliografia geográfica da Guiné*. 1. ed. Lisboa: Junta das Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar.
- Tenreiro, Francisco (1961a). *A Ilha de São Tomé – Estudo Geográfico*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.
- Tenreiro, Francisco (1961b). Colóquios sobre problemas humanos nas regiões tropicais: São Tomé, um exemplo de organização do espaço. *Estudos de Ciências Políticas e Sociais*, n. 51, pp. 67-84.
- Troll, Carl; Fischer, Eric (1949). Geographic science in Germany during the period 1933-1945. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 39, n. 2, pp. 99-137.
- Valverde, Orlando (1967). Geografia da pecuária no Brasil. *Finisterra*, v. 2, n. 4, pp. 244-261. <https://doi.org/10.18055/Finis2524>
- Valverde, Orlando. (1968). Sistema de roças (agricultura nômade ou itinerante). *Finisterra*, v. 3, n. 6, pp. 225-239. <https://doi.org/10.18055/Finis2505>
- Valverde, Orlando. (1977). Gênese e evolução do problema agrário brasileiro. *Finisterra*, v. 12, n. 24, pp. 211-243. <https://doi.org/10.18055/Finis2271>
- Vennetier, Pierre (1974). La zone intertropicale humide. *Finisterra*, v. 9, n. 18, pp. 338-341. <https://doi.org/10.18055/Finis2369>
- Zêzere, José Luís; Pereira, Susana; Tavares, Alexandre Olivera; Bateira, Carlos; Trigo, Ricardo; Quaresma, Ivânia; Santos, Pedro Pinto; Santos, Mónica; Verde, João (2014). DISASTER: A GIS database on hydro-geomorphologic disaster in Portugal. *Natural Hazards*, v. 72, pp. 503-532. [10.1007/s11069-013-1018-y](https://doi.org/10.1007/s11069-013-1018-y)
- Zupic, Ivan; Cater, Tomaz (2015). Bibliometric Methods in Management and Organization. *Organizational Research Methods*, v. 18, n. 3, pp. 429-472. <https://doi.org/10.1016/j.ijindorg.2014.08.002>

RESUMOS

Os debates académico-institucionais de maior projeção internacional acerca do conhecimento geográfico produzido sobre regiões tropicais têm privilegiado os discursos e práticas dos mundos

anglófono e francófono e silenciado os contributos de outras comunidades epistémicas semiperiféricas que também se destacam pela sua atividade científica no «mundo tropical», como a «Escola Geográfica de Lisboa». Mobilizando métodos bibliométricos, este artigo revela uma dessas «histórias alternativas» ao examinar a produção científica publicada sobre regiões tropicais na *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia* entre 1966 e 2021. Os resultados sugerem que essa produção científica: (i) foi mais significativa entre 1966 e 1985, período em que predominaram estudos anteriores à descolonização da «África tropical portuguesa»; (ii) tem-se revalorizado devido à recente incorporação editorial das problemáticas académicas da América Latina; (iii) caracterizou-se inicialmente pela relevância de estudos geomorfológicos e de geografia urbana, regional e da população assinados por duas gerações de geógrafos associados à «Escola Geográfica de Lisboa», enquanto atualmente predominam publicações de geografia política/geopolítica, urbana e económica produzidas, sobretudo, por autores brasileiros; (iv) experienciou, em particular no domínio disciplinar da geografia humana, reconfigurações epistemológicas que originalmente se apoiam na tradição vidaliana e que na atualidade assentam em discursos e práticas relativas ao desenvolvimento desigual e à crítica colonial. Este artigo constitui a primeira abordagem sistemática do «conhecimento geográfico tropical» publicado numa revista académica portuguesa e os seus resultados pretendem alargar os debates académico-institucionais sobre a circulação dos saberes geográficos de um campo disciplinar até aqui silenciado.

Los debates académico-institucionales de mayor proyección internacional sobre el conocimiento geográfico producido sobre las regiones tropicales han privilegiado los discursos y prácticas de los mundos anglófono y francófono y silenciado los aportes de otras comunidades epistémicas semiperiféricas que también se destacan por su actividad científica en el «mundo tropical», como la «Escuela Geográfica de Lisboa». Movilizando métodos bibliométricos, este artículo revela una de estas «historias alternativas» al examinar la producción científica publicada sobre las regiones tropicales en *Finisterra: Revista Portuguesa de Geografía* entre 1966 y 2021. Los resultados sugieren que esta producción científica: (i) fue más significativa entre 1966 y 1985, período en el que predominaron los estudios previos a la descolonización del «África tropical portuguesa»; (ii) ha sido revalorizada debido a la reciente incorporación editorial de temas académicos de América Latina; (iii) se caracterizó inicialmente por la relevancia de los estudios geomorfológicos y de geografía urbana, regional y poblacional firmados por dos generaciones de geógrafos asociados a la «Escuela Geográfica de Lisboa», mientras que actualmente predominan las publicaciones sobre geografía política/geopolítica, urbana y económica producidas principalmente por autores brasileños; (iv) experimentó, en particular en el dominio disciplinario de la geografía humana, reconfiguraciones epistemológicas que se basaron originalmente en la tradición vidaliana y que actualmente se basan en discursos y prácticas relacionados con el desarrollo desigual y la crítica colonial. Este artículo es el primer acercamiento sistemático al «conocimiento geográfico tropical» publicado en una revista académica portuguesa y sus resultados pretenden ampliar los debates académico-institucionales sobre la circulación del conocimiento geográfico en un campo disciplinario hasta ahora silenciado.

Academic and institutional debates of greater international projection on geographic knowledge produced about tropical regions have privileged the discourses and practices of the Anglophone and Francophone worlds while silencing the contributions of other semi-peripheral epistemic communities that also stand out for their scientific activity in the «tropical world» such as the «Lisbon School of Geography». Drawing on bibliometric methods, this paper uncovers one of these «hidden stories» by examining the scientific production published on tropical regions in *Finisterra: Portuguese Journal of Geography* between 1966 and 2021. Findings suggest that this scientific production: (i) was particularly significant between 1966 and 1985 when studies before the decolonization of «Portuguese tropical Africa» succeeded; (ii) has recently increased due to

the editorial interest in academic issues based in Latin America; (iii) it was first known by the prominence of geomorphological studies and urban, regional, and population geography studies authored by two generations of geographers associated with the «Lisbon School of Geography» while publications on political/geopolitical, urban, and economic geography produced mainly by Brazilian authors have recently emerged; (iv) experienced particularly within human geography epistemological shifts that were originally based on the Vidalian tradition towards discourses and practices related to unequal development and colonial criticism. This article constitutes the first systematic approach to «tropical geographic knowledge» published in a Portuguese academic journal and its results aim to broaden the academic-institutional debates on the circulation of geographical knowledge in a disciplinary field hitherto silenced.

Les débats académiques-institutionnels de plus grande projection internationale sur les savoirs géographiques produits dans les régions tropicales ont privilégié les discours et les pratiques des mondes anglophone et francophone et passé sous silence les apports d'autres communautés épistémiques semi-périphériques qui se distinguent également par leur activité scientifique dans le «monde tropical», comme la «École Géographique de Lisbonne». Mobilisant les méthodes bibliométriques, cet article révèle l'un de ces «récits alternatifs» en examinant la production scientifique sur les régions tropicales publiés à *Finisterra: Revue Portugaise de Géographie* entre 1966 et 2021. Les résultats suggèrent que cette production scientifique: (i) a été plus significative entre 1966 et 1985, période où prédominaient les études antérieures à la décolonisation de «l'Afrique tropicale portugaise»; (ii) a été revalorisée en raison de la récente incorporation éditoriale des questions académiques en Amérique latine; (iii) se caractérise initialement par la pertinence des études géomorphologiques et des études de géographie urbaine, régionale et de la population signées par deux générations de géographes associés à «l'École de Géographie de Lisbonne», tandis que se distinguent les publications sur la géographie politique/géopolitique, urbaine et économique produites principalement par des auteurs brésiliens; (iv) a enregistré, notamment dans le domaine disciplinaire de la géographie humaine, des reconfigurations épistémologiques qui s'appuyaient à l'origine sur la tradition vidalienne et qui reposent actuellement sur des discours et pratiques liés au développement inégal et à la critique coloniale. Cet article est la première approche systématique des «savoirs géographiques tropicaux» publiée dans une revue académique portugaise et ses résultats visent à élargir les débats académiques-institutionnels sur la circulation des savoirs géographiques dans un champ disciplinaire jusqu'ici passé sous silence.

ÍNDICE

Palavras-chave: Finisterra: Revista Portuguesa de Geografia, regiões tropicais, comunidade epistémica, Escola Geográfica de Lisboa, análise bibliométrica

Palabras claves: Finisterra: Revista Portuguesa de Geografía, regiones tropicales, comunidad epistémica, Escuela Geográfica de Lisboa, análisis bibliométrico

Índice cronológico: 1966-2021

Índice geográfico: Finisterra, Portugal

Keywords: Finisterra: Portuguese Journal of Geography, tropical regions, epistemic community, Lisbon School of Geography, bibliometric analysis

Mots-clés: Finisterra : Revue Portugaise de Géographie, régions tropicales, communauté épistémique, École de Géographie de Lisbonne, analyse bibliométrique

AUTOR

DIOGO GASPAR SILVA

Centro de Estudos Geográficos, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa. Email: diogosilva4@campus.ul.pt ; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5142-7176>